



**ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO**

**RAZÕES DA DESISTÊNCIA DA PRÁTICA DA GINÁSTICA ARTÍSTICA
DE ATLETAS DE ALTO RENDIMENTO DO SEXO FEMININO NO
RIO GRANDE DO SUL**

SÉRGIO STRINGHINI

Porto Alegre

2010

SÉRGIO STRINGHINI

**RAZÕES DA DESISTÊNCIA DA PRÁTICA DA GINÁSTICA ARTÍSTICA
DE ATLETAS DE ALTO RENDIMENTO DO SEXO FEMININO NO
RIO GRANDE DO SUL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física na Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Ciência do Movimento Humano.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Demétrio de Souza Petersen

Porto Alegre

2010

Dedico esta pesquisa para todas as pessoas que sempre acreditaram no meu potencial e colaboraram de alguma forma para atingir meus objetivos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu pai e à minha mãe (*in memoriam*) pelo bom exemplo e ensinamentos transmitidos.

Agradeço à minha família, Luisa, Tóia e Gabi, por estar sempre a meu lado.

Agradeço ao meu orientador, professor doutor Ricardo Petersen, pelas oportunidades e ensinamentos.

Agradeço aos professores, doutores Amauri Oliveira e João Oliva, pela colaboração neste estudo.

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano da ESEF/UFRGS, pelas maravilhosas aulas ministradas, em especial à professora doutora Nádia Valentini e ao professor doutor Adroaldo Gaya.

Agradeço à professora Siomara Silva, pela disponibilidade em me ajudar.

Agradeço aos meus irmãos Roberto e Cláudia, pelo incentivo e pela amizade incondicional.

Agradeço às minhas ex-alunas da ginástica artística e suas famílias, que cresceram e se aperfeiçoaram comigo, em especial a Lisiane.

Agradeço a todas as pessoas que participaram das minhas entrevistas, pela generosa ajuda no estudo.

Agradeço aos meus amigos e funcionários da Italmassas, pelos momentos de ausência para concluir minha pesquisa.

RESUMO

Ao analisarem-se súmulas dos campeonatos estaduais de ginástica artística dos últimos anos observou-se uma redução drástica no número de praticantes a partir dos 12 anos de idade. A desistência nesta faixa etária no RS passou a ser um problema para a ginástica artística (GA) de alto rendimento do Estado. Devido à falta de estudos específicos para esta modalidade esportiva no RS esta pesquisa propõe-se aos seguintes objetivos: (1) analisar os fatores que levam à desistência das ginastas de alto rendimento no RS; (2) identificar e descrever os fatores positivos e negativos do desenvolvimento no processo de formação das ginastas; (3) correlacionar o tipo de treinamento aplicado as ginastas em formação com os resultados obtidos na carreira; (4) verificar se há trabalho psicológico com as ginastas e que tipo de trabalho é realizado; (5) correlacionar a influência da iniciação precoce com a formação das ginastas; (6) verificar a influência do nível sócio econômico no desenvolvimento das ginastas; (7) identificar e analisar o papel da família no processo de formação das ginastas; (8) identificar e analisar o papel do técnico no processo de formação das ginastas. Para a pesquisa, foram selecionadas 10 ex-ginastas que treinaram no RS e participaram de Campeonatos Brasileiros de 1ª divisão e que desistiram da GA a partir de janeiro de 1998. Foram incluídos seus respectivos pais e/ou responsáveis. O instrumento utilizado para a coleta de informações foi a entrevista semiestruturada em duas versões, uma para as ex-ginastas e outra para os pais. Os resultados apontam haver 14 razões para a desistência da prática da GA de alto rendimento e outros itens positivos, entre estes o principal ponto citado foi a disciplina adquirida para a realização de outras atividades fora da vida esportiva.

Palavras-chave: ginástica artística; alto rendimento; desistência.

ABSTRACT

When analysing the state championships of gymnastic artistic summaries of the last years, it is possible to observe a huge reduction of the numbers of practitioners with 12 years old. The desistance in this age group has become a problem for the high performance artistic gymnastics (AG) in Rio Grande do Sul (RS). Due to the lack of specific studies about this sport, this research aims to: (1) analyse the factors that leads to desistance from the high performance gymnasts in RS; (2) identify and describe the positive and negative factors of the development in the gymnasts training; (3) correlate the kind of training that is applied to the gymnasts with the results that are obtained in their careers; (4) verify if is there a psychological attendance for the gymnasts and what kind of attendance was being given; (5) correlate the influence of precocious initiation with the gymnasts training; (6) verify the influence of the socio-economic level in the development of the gymnasts; (7) identify and analyse the role of the family in the process of gymnasts training; (8) identify and analyse the role of the coacher in the process of gymnasts training. Ten ex-gymnasts were selected for this research, who had trained in RS and had participated of Brazilian Championships and had given-up from artistic gymnastics from January 1998. Their parents were also selected. The semi-structured interview was used in two versions: one for the ex-gymnasts and another one for their parents. The results point out that there are fourteen reasons for the desistance from high performance gymnastics, and that there are positive items like the acquired discipline to accomplish other activities that are not related with sports.

Key words: artistic gymnastics; high performance; desistance.

LISTA DE FOTOS

Fotos 1 e 2 – Fotos das mãos de uma ginasta gaúcha43

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 – Fatores que influenciam a desistência da ginástica artística no RS..... | 38 |
| Figura 2 – Fatores positivos no processo de formação das ginastas | 51 |
| Figura 3 – Trabalho psicológico com as atletas | 60 |
| Figura 4 – Condição financeira das famílias das ex-ginastas..... | 64 |
| Figura 5 – Papel do técnico na formação dos ginastas | 69 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1 – O contínuo do envolvimento dos pais | 24 |
|---|----|

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 12 |
| 1.1 JUSTIFICATIVA | 14 |
| 1.2 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO | 16 |
| 2 OBJETIVOS | 17 |
| 2.1 GERAL | 17 |
| 2.2 ESPECÍFICOS | 17 |
| 3 REVISÃO TEÓRICA | 18 |
| 3.1 ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO | 18 |
| 3.2 INTER-RELAÇÕES DO ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO | 23 |
| 3.2.1 Atleta e os pais | 24 |
| 3.2.2 Técnico e os pais | 25 |
| 3.2.3 Técnico e o atleta | 25 |
| 4 GINÁSTICA ARTÍSTICA FEMININA (GAF) | 27 |
| 4.1 GAF DE ALTO RENDIMENTO | 28 |
| 4.2 GINASTAS DE ALTO RENDIMENTO | 32 |
| 5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 33 |
| 5.1 TIPO DE ESTUDO | 33 |
| 5.2 SUJEITOS DA PESQUISA..... | 33 |
| 5.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS | 34 |
| 5.4 REGISTRO E ANÁLISE DOS DADOS | 35 |
| 6 RESULTADOS E DISCUSSÃO | 37 |
| 6.1 FATORES QUE LEVAM À DESISTÊNCIA DAS GINASTAS DE ALTO RENDIMENTO NO RS | 37 |
| 6.1.1 Falta de incentivo | 38 |
| 6.1.2 Excesso de dedicação dos atletas com baixo retorno | 39 |
| 6.1.3 Treinamento muito forte | 40 |
| 6.1.4 Pressão psicológica dos técnicos e dos pais | 41 |
| 6.1.5 Dores corporais | 42 |

| | |
|---|-----------|
| 6.1.6 Lesões | 43 |
| 6.1.7 Novas opções de afazeres, mudanças de interesses | 44 |
| 6.1.8 Rendimento abaixo das próprias expectativas | 45 |
| 6.1.9 Muito estresse | 46 |
| 6.1.10 Falta de apoio financeiro | 47 |
| 6.1.11 Excesso de dedicação e investimentos dos pais | 48 |
| 6.1.12 Falta de estrutura das entidades que oferecem o treinamento de GA | 48 |
| 6.1.13 Medo de realizar exercícios | 50 |
| 6.1.14 Excesso de peso corporal | 50 |
| 6.2 FATORES POSITIVOS DO DESENVOLVIMENTO NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DAS GINASTAS | 51 |
| 6.2.1 Amizades | 51 |
| 6.2.2 Conhecer outros lugares | 52 |
| 6.2.3 Corpo bonito | 52 |
| 6.2.4 Agilidade física | 53 |
| 6.2.5 Coragem | 53 |
| 6.2.6 Disciplina | 53 |
| 6.2.7 Objetividade e organização | 54 |
| 6.2.8 Superação | 54 |
| 6.2.9 Suportar as dores corporais | 55 |
| 6.2.10 Relação com diferentes níveis sociais | 55 |
| 6.2.11 Ambiente saudável | 55 |
| 6.2.12 Aprendizado de exercícios | 56 |
| 6.2.13 Força física | 56 |
| 6.2.14 Autoconfiança | 56 |
| 6.2.15 Perfeccionista | 57 |
| 6.2.16 Controle dos pensamentos | 58 |
| 6.3 FATORES NEGATIVOS DO DESENVOLVIMENTO NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DAS GINASTAS | 58 |
| 6.4 RELAÇÃO DA CARGA DE TREINAMENTO APLICADA ÀS GINASTAS EM FORMAÇÃO COM OS RESULTADOS OBTIDOS NA CARREIRA | 59 |
| 6.5 TRABALHO PSICOLÓGICO COM AS GINASTAS | 60 |
| 6.6 RELAÇÃO DA INICIAÇÃO PRECOCE COM A FORMAÇÃO DAS GINASTAS .. | 63 |

| | |
|--|-----------|
| 6.7 INFLUÊNCIA DO NÍVEL SOCIOECONÔMICO NO DESENVOLVIMENTO DAS GINASTAS | 64 |
| 6.8 PAPEL DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DAS GINASTAS | 67 |
| 6.9 PAPEL DO TÉCNICO NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DAS GINASTAS | 68 |
| CONCLUSÃO | 71 |
| REFERÊNCIAS..... | 73 |
| ANEXOS | 78 |
| Anexo I – Termo de Consentimento para menores de idade | 79 |
| Anexo II – Termo de Consentimento para ex-ginastas maiores de idade | 80 |
| Anexo III – Termo de Consentimento para os pais ou responsável | 81 |
| Anexo IV – Termo de Consentimento para Federação Riograndense de Ginástica | 82 |
| Anexo V – Roteiro para entrevistas com as ex-ginastas | 83 |
| Anexo VI – Roteiro para entrevistas com os pais ou responsável..... | 84 |

1 INTRODUÇÃO

A ginástica artística (GA) é uma das modalidades esportivas mais antigas e populares do programa olímpico (SMOLEVSKIY, 1996). Os gregos foram os primeiros a praticar a ginástica como atividade esportiva e não apenas como forma de treino militar. A ginástica artística tornou-se esporte olímpico nos jogos de Atenas (1896), mas só para homens. A participação das mulheres só foi permitida nos jogos de Amsterdã, em 1928. No século XVIII, a ginástica era vista com um carisma artístico, desenvolvendo também a sua vertente competitiva. A organização da ginástica nos moldes atuais e a criação das regras e aparelhos de ginástica começou em 1811, na Alemanha, com a intervenção do professor Friedrich Ludwig Jahn. Este abriu o primeiro campo de ginástica de Berlim e rapidamente a idéia passou para outras cidades alemãs. O número de praticantes deste desporto aumentou, ajudando a exportação da ginástica para outros países (PUBLIO, 1998).

No Brasil, a GA começou com a colonização alemã no Rio Grande do Sul (RS), e em 1951 a oficialização da ginástica artística iniciou com as Federações do Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e São Paulo, disseminando a GA por todo o país. No RS, a prática da GA teve início nos clubes de origem alemã, os quais desenvolveram a modalidade competitiva que hoje acompanhamos em alguns destes clubes (PUBLIO, 1998).

Nos últimos anos, a GA feminina do Brasil evoluiu muito tecnicamente, fato este demonstrado pelos ótimos resultados em nível internacional. Porém, essa evolução não se reflete na GA como um todo (NUNOMURA, 2007). Apesar de o número de praticantes dessa modalidade no Brasil aumentar, no segmento de alto rendimento este fato não acontece. A maioria dos Estados brasileiros sequer possui uma ginasta adulta de nível nacional. São pouquíssimas as ginastas de alto rendimento da categoria adulta para competir internacionalmente.

No RS, poucas entidades trabalham com o alto rendimento. Competições onde o nível de exigência é baixo, como copas escolares, o número de participantes de GA feminina é elevado, chegando a 600 participantes em um único evento. Porém, quando falamos de GA feminina de alto rendimento no RS, o número de ginastas com 12 anos ou mais, que participam de campeonatos brasileiros de 1ª

divisão, é muito reduzido, tendo em determinadas competições nacionais um número inferior a 5 ginastas gaúchas (FRG 2008).

Atualmente, o alto nível de exigência e dificuldade da GA de alto rendimento pode colaborar com a realidade citada acima. A variedade de movimentos dinâmicos ou estáticos de difícil coordenação, executados em diferentes aparelhos, em que o nível dos ginastas é avaliado por um grupo de juízes conforme os critérios de dificuldades pré-estabelecidos, e a qualidade de execução tornam necessário um longo período de preparação (SMOLEVSKIY, 1996). O processo de formação leva em torno de 10 anos de treinamento para atingir a alta especialização (DALY, 2005), o que pode dificultar a maior produção de ginastas de alto rendimento, realidade esta refletida na GA do RS.

O período entre a iniciação desportiva e o desporto de alto rendimento é designado pela teoria do treinamento desportivo como um período de formação, no qual são desenvolvidas as bases que permitem aos atletas alcançar futuramente os resultados esperados. Um erro nesta preparação pode refletir-se posteriormente nos resultados obtidos pelos atletas (CAFRUNI et al., 2006).

De acordo com Zakharov (1992), a carreira de atletas é representada sob a forma de uma grande quantidade de fatos e acontecimentos separados durante o processo de formação. O treinamento de ginastas crianças e adolescentes constitui-se em um processo multidisciplinar complexo que necessita de cuidados especiais exatamente pela falta de maturidade das mesmas. Para Cafruni (2006), pesquisar o processo de formação das ginastas pode colaborar em um planejamento extremamente minucioso, em que os resultados absolutos estão no ápice dos objetivos, de maneira a obter uma melhora constante da capacidade de rendimento, e obter a máxima eficiência na idade desejada. As questões inerentes a este planejamento estão diretamente relacionadas ao percurso da jovem atleta e envolvem, entre outros fatores, o treinamento e as competições.

Diversos são os fatores limitadores do desenvolvimento de jovens atletas no treinamento. O fenômeno da desistência tem sido estudado em diversas áreas, porém a literatura apresenta uma carência de pesquisas no esporte. No caso da GA de alto rendimento não é diferente. No RS, esse fenômeno parece ser um dos principais fatores limitantes da busca da excelência esportiva dessa modalidade. É necessário, além de informar aqueles que trabalham no esporte sobre o tema, que se estude a sua ocorrência para que se possa contribuir na prevenção do problema

e, principalmente, na promoção do desenvolvimento global e harmonioso dos atletas envolvidos em atividades competitivas (MONTAGNER, 2004).

A GA de alto rendimento possui muitas características peculiares que necessitam de atenção. Uma delas é a iniciação precoce em torno dos 6 anos de idade, sendo que é somente aos 16 anos que as ginastas podem participar de Campeonatos Mundiais e Olimpíadas, sendo implícita a necessidade de permanecer no mínimo até essa idade para participar desses eventos (BOMPA, 2002b). Por isso, a necessidade dos cuidados que se deve ter com a jovem atleta como um todo neste período.

Os motivos que levam à desistência da prática da GA é um fenômeno muito importante, mas muito pouco estudado. Muitas vezes, ouve-se dizer que um atleta abandonou sua carreira esportiva ou, então, que o seu rendimento está aquém do esperado e, na maioria das vezes, os técnicos ou pais não sabem identificar as causas desses resultados (MONTAGNER, 2004).

Enfim, entender os diversos fatores que colaboram com a carreira da ginasta é importante, a fim de evitar problemas no decorrer da vida atlética. O início precoce, a alta dedicação das crianças, pais e técnicos, a estrutura adequada de equipamentos, as condições financeiras de manutenção, além da escolha certa das atletas, são fatores que podem definir o rumo da carreira da ginasta. São questões que foram pesquisadas por meio de entrevistas com ex-ginastas e seus pais ou responsáveis. Assim, pesquisar o fenômeno da desistência que ocorre na GA nos conduz à seguinte indagação: **Quais as razões que levam as ginastas de alto rendimento da ginástica artística à desistência da prática do esporte?**

1.1 JUSTIFICATIVA

Entender o porquê de uma atleta praticar GA e as causas de sua desistência à prática do esporte é de fundamental importância para técnicos, pais e dirigentes. Por meio da identificação e análise das causas dos fenômenos que ocorrem na carreira das ginastas podem-se elaborar estratégias de ação para evitar a desistência.

Ao tentar-se minimizar as variáveis que tendem a conduzir à desistência e elaborar métodos específicos que incentivem a permanência das atletas no esporte poderá evitar muitas desistências, bem como aumentar a longevidade da carreira

das mesmas. Esse conhecimento pode ajudar a técnicos e dirigentes no planejamento de objetivos de curto, médio e longo prazos.

Maior conhecimento teórico acerca dos fatores estressantes que levam as ginastas à desistência ajudará a suprimir dúvidas e incertezas e contribuirá na formação de jovens esportistas não só para a vida atlética, mas também para lidar com as dificuldades do dia a dia que a vida apresenta. Esses conhecimentos podem ajudar técnicos e pais a acrescentar valores importantes ao desenvolvimento das jovens atletas. Muitas dificuldades que se apresentam durante o processo de desenvolvimento da ginasta também se apresentam na vida dessas jovens. Superação em enfrentar os momentos difíceis de maneira positiva, enfrentar medos, suportar tristezas, comemorar alegrias fazem parte do cotidiano de um treinamento e da vida pessoal. Portanto, este estudo pode colaborar no desenvolvimento de condutas para todos os envolvidos no processo de formação das crianças e adolescentes.

Na área técnica, é necessária uma continuidade no trabalho que vem sendo realizado na GA. Para evoluir e obter resultados expressivos, é fundamental que haja uma amostra suficiente de ginastas a partir dos 12 anos de idade, a fim de evitar um número muito reduzido de atletas que chegam ao alto desempenho. O aumento expressivo no número de ginastas do sexo feminino na categoria adulta poderá colaborar para uma equipe mais competitiva, tanto para entidades que investem no alto rendimento da GA como na seleção nacional.

É muito comum no RS surgirem talentos de GA que iniciam um trabalho visando ao alto rendimento, mas que, durante o processo de formação, desistem da prática. A partir dos 10 anos de idade, diminui consideravelmente a quantidade de praticantes de ginástica artística feminina (GAF), sendo que a partir dos 12 anos o fenômeno da desistência aumenta, evidenciado pela diminuição de atletas praticantes nas entidades que trabalham com o alto rendimento.

A consequência desse processo é uma tendência à perda de qualidade e desaceleração da evolução técnica, devido à falta de continuidade do trabalho e à diminuição da concorrência. A desistência das ginastas de alto rendimento tem consequência ruim tanto para as ginastas que perdem a oportunidade de um sucesso no esporte, como para técnicos e dirigentes que interrompem um trabalho de anos. Tentar corrigir possíveis falhas no processo de formação poderá evitar esse fenômeno negativo que ocorre atualmente na GA do RS.

A necessidade de muita dedicação dos envolvidos nos treinamentos da GA afasta os mesmos de pesquisas sobre questões pertinentes à GA, pois há uma competitividade muito grande na GA de alto rendimento, impedindo a troca de informações entre os profissionais, que tendem a usar os conhecimentos adquiridos em seu contexto sem sociabilizar tudo que sabem com os demais profissionais. O medo em compartilhar conhecimentos pode ser oriundo da insegurança em perder espaço perante seus adversários. Desse modo, a literatura acaba por não possuir registros e guias de conhecimentos na área da GA.

Enfim, esta pesquisa propõe-se a colaborar com os profissionais da área, visto que é imprescindível que sejam estudados os nossos casos, os nossos atletas e o nosso ambiente para acrescentar conhecimentos para a nossa realidade.

1.2 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

A pesquisa foi realizada com ex-ginastas que desistiram da prática da GA após os 12 anos de idade de janeiro de 1998 até agosto de 2009 no RS. Tiveram treinamento em alguma entidade do Rio Grande do Sul e participaram de Campeonatos Brasileiros de 1ª divisão. Foi escolhido um responsável por ginasta para participar da pesquisa.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar os fatores que levam à desistência das ginastas de GA de alto rendimento no RS.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Como objetivos específicos, enumeram-se os seguintes itens:

- Identificar e descrever os fatores que levam as ginastas de alto rendimento à desistência;
- Identificar e descrever os fatores positivos e negativos do desenvolvimento no processo de formação das ginastas;
- Correlacionar a carga de treinamento aplicada às ginastas em formação com os resultados obtidos na carreira;
- Verificar se há trabalho psicológico com as ginastas e que tipo de trabalho é realizado;
- Correlacionar a influência da iniciação precoce com a formação das ginastas;
- Verificar a influência do nível socioeconômico no desenvolvimento das ginastas;
- Identificar e analisar o papel da família no processo de formação das ginastas;
- Identificar e analisar o papel do técnico no processo de formação das ginastas.

3 REVISÃO TEÓRICA

A maioria das pesquisas sobre o esporte de alto rendimento tem um foco específico em um determinado esporte, devido às particularidades e às especificidades de cada modalidade. Outras pesquisas têm um foco mais generalista do esporte de alto rendimento pela similaridade de características de algumas modalidades. Assim, fez-se uma tomada geral sobre o esporte de alto rendimento, e depois foi especificada a modalidade da GAF.

A amplitude do tema e a necessidade são de suma importância tanto para a área da pesquisa nas ciências do esporte, como também para os próprios envolvidos (atletas, treinadores, familiares), pois estes precisam ter conhecimento qualificado do fenômeno para evitá-lo. (BARA FILHO, M.G. & GUILLÉN GARCIA, F., 2008).

3.1 ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO

Existem muitas variáveis em comum a serem pesquisadas nas mais variadas modalidades que praticam o alto rendimento, como um atleta romper barreiras, alcançar o que às vezes parece ser impossível, buscar a perfeição, etc., fazem parte de um conjunto de fatores técnicos, físicos e psicológicos característicos do esporte de alto rendimento. A superação de limites individuais e sociais está presente na vida do atleta de alto nível de qualquer modalidade esportiva (RÚBIO, 2003).

A principal característica da prática esportiva de alto rendimento é possuir o objetivo de atingir os melhores resultados possíveis dentro da competição em um esporte, e buscar um espaço de realização e de confirmação de competências pessoais e sociais, em uma sociedade que valoriza o sucesso, a ascensão e a vitória (RÚBIO, 2003).

Segundo Samulski (2002), o esporte de alto rendimento desenvolve a motivação pelo desempenho por meio da determinação, concentração, vontade, ambição e, com relação aos prejuízos, cita o estresse e a ansiedade. Em relação a este último item, Lipp (1996), demonstra que o estresse divide-se em quatro fases: na primeira, chamada de Alerta, acontecem os primeiros sinais de cansaço. Assim, caso o agente estressor seja contínuo, vem a fase de Resistência, na qual já não se

percebem os efeitos do estresse, pois há um processo de habituação ao mesmo. Na fase de Quase-Exaustão, a problemática causadora do estresse torna-se insolúvel para o indivíduo, sua energia diminui e compromete-se o rendimento. Neste último estágio, o de Exaustão, o indivíduo não consegue mais estabilizar a sua energia e torna-se incapacitado para suas atividades, podendo apresentar doenças como úlcera e doenças cardíacas. Pelo mesmo motivo, Kenttä e col (KENTTÄ, HASSMÄN et al., 2001) apontaram o estresse enquanto efeito crônico da relação inadequada entre treinamento e recuperação, indicando também este como elemento causador da perda da eficiência no esporte, o que pode levar ao posterior abandono.

Na busca por resultados, observam-se muitas vezes condutas inadequadas na formação de novos atletas. Níveis de cobrança e exigência incompatíveis com o estágio de maturação, cargas muito altas de treinamento, entre outros fatores, prejudicam a carreira desportiva de um atleta (VILANI, 2001).

Ligada a esta questão, a especialização precoce também deve ser considerada, pois o período de maturação de atletas da GA é muito anterior ao de outros esportes. Sobre a demanda de trabalho físico e mental no organismo de crianças e adolescentes, Makarenko (2001) observa que diversas e complexas alterações corporais já ocorrem naturalmente durante o processo de crescimento, assim, a cada etapa evolutiva, deve-se observar para ter o máximo de cuidado com a carga dos treinos regulares do esporte para evitar o esgotamento físico. Contudo, também deve-se atentar para o fato de que, no trabalho com a faixa etária mais jovem, é preciso um treinamento constante e relativamente intensivo, dada a existência de fases nesse momento em que deve haver o ensino e a fixação mais eficazes e específicos das habilidades e dos aspectos motores fundamentais para o esporte em questão. Conseqüentemente, essa busca pela fórmula certa, se não for compreendida e dominada, desencadeará o abandono precoce.

Para Neto (2000), os benefícios do esporte ocorrem de forma integral, ou seja, interagindo ao mesmo tempo em todos os aspectos. Já com relação aos aspectos negativos, vários pontos são identificados, entretanto, não são os estímulos do esporte que causam prejuízos, e sim a forma como esses são conduzidos por profissionais não qualificados. Quando se questiona sobre quais as razões de crianças e adolescentes submeterem-se e prosseguirem em treinos diários norteados por um alto grau de exigência e dedicação, o primeiro pensamento

que emerge é entender que motivação leva a tal dedicação. A motivação constitui o elemento decisivo que impulsiona o sujeito à ação.

Por outro lado, segundo Kunz (1983), os maiores problemas provocados por um treinamento especializado precoce, inclusive afetando o futuro de um atleta após encerrar a carreira esportiva são: - Formação escolar deficiente, devido à demanda alta de treinamento e dedicação; - A unilateralização de um desenvolvimento que deveria ser plural; - A redução da participação em atividades, brincadeiras e jogos do mundo infantil, fundamentais para o desenvolvimento da personalidade durante a infância. Resultados semelhantes são encontrados em desistentes jovens de outros esportes de alto rendimento individuais como a natação (OLIVEIRA et al., 2007). Os treinos diários somados à rotina escolar significam uma carga de 8 horas por dia, 40 horas semanais, sem incluir as competições e viagens nos fins de semana, quando houver; - Conseqüentemente, a saúde física e a psíquica são atingidas por esse treinamento especializado precoce. Sobre este último problema, o pesquisador alemão Nitsch, citado por Düsenb coloca que nesse contexto, é preciso que a atleta tenha uma motivação muito forte para suportar essa carga desde pequena.

Segundo Samulski (1995), a motivação é caracterizada como um processo ativo, intencional e dirigido a uma meta, o qual depende da interação de fatores pessoais (intrínsecos) e ambientais (extrínsecos). Pessoas com motivação intrínseca esforçam-se interiormente para serem competentes e autodeterminadas em sua busca de dominar a tarefa em questão. Segundo esse modelo, a motivação apresenta uma determinante energética (nível de ativação) e uma determinante de direção do comportamento (intenções, interesses, motivos e metas).

Assim, conhecer a motivação de um atleta colabora em mantê-lo mais tempo motivado e buscando melhores desempenhos a todo momento. O indivíduo pode até mesmo possuir inúmeras competências que o habilitem à realização de tarefas, porém a motivação determinará o grau de envolvimento e, muitas vezes, a qualidade com que a tarefa será cumprida (RÚBIO, 2003).

Nesse mesmo contexto de motivação, um aspecto que por vezes é deixado de lado no esporte é a preparação psicológica. É preciso ter consciência de que um perfil psicológico adequado é inerente ao atleta que executa perfeitamente seus movimentos. Além disso, há algumas características necessárias para a própria manutenção do atleta no esporte, posto que problemas psicológicos podem levar ao

abandono precoce. Assim, apesar de existirem diferenças individuais, é possível estabelecer um quadro de características gerais que devem ser cultivadas em um atleta para evitar a perda de seu potencial por desistência ainda no início da carreira (WEINBERG E GOULD, 2001): (a) auto-regulação ao nível de ativação (ativado, relaxado, não temeroso, ansioso); (b) autoconfiança; (c) estar com bom controle; (d) melhor concentração (focalizada); (e) preocupação positiva pelo esporte (imaginação e pensamento), e (f) determinação e compromisso.

Mesmo assim, conforme Tsukamoto (2003), os aspectos maturacionais das ginastas, apesar de apresentarem um padrão próprio, estão de acordo com o que lhes é exigido na modalidade, principalmente do ponto de vista morfológico. Por outro lado, do ponto de vista psicossocial, deve-se ter o cuidado para que não ocorram exageros e não haja prejuízos para as jovens ginastas.

Além disso, (TSUKAMOTO, 2003) o esporte competitivo de alto nível na infância e na adolescência pode trazer prejuízos de natureza psicológica e de desenvolvimento social, já que o preparo intensivo para competições desportivas de alto nível nessa fase pode desencadear abandonos e/ou problemas de ordem psicológica. A atividade esportiva, nessa situação, enfatiza a competição e acaba se restringindo às vitórias e marcas alcançadas, suprimindo sua contribuição como fator de desenvolvimento e formação da personalidade (ROSADAS, 1993).

Para Hanlon (1994), estima-se que há cerca de 20 milhões de jovens entre 6 e 15 anos de idade participantes de programas esportivos nos Estados Unidos. Desse imenso universo, cerca de um terço desiste de seus esportes a cada ano. Entretanto, muitos desses jovens voltam a praticar o seu esporte nos anos seguintes, ou acabam trocando de modalidade esportiva. Parece haver algumas necessidades para a prática esportiva que, se não satisfizerem os jovens, incorrerão em uma alta tendência à desistência desse esporte. De fato, sempre que as desvantagens da prática esportiva forem superiores às vantagens, a desistência se tornará quase inevitável.

Identificar e respeitar os interesses dos jovens atletas parece ser uma estratégia recomendável por profissionais que atuam em áreas de treinamento esportivo com crianças e adolescentes. Alguns aspectos citados por Hanlon (1994) são essenciais para manter uma criança ou um adolescente mobilizados no sentido

de permanecerem treinando com motivação, como, por exemplo, a participação efetiva das tarefas propostas durante os treinamentos; a necessidade de obter sucesso em suas performances, visto que contínuos fracassos tendem a gerar tristeza e ansiedade, além de diminuir-lhes a autoestima; diversificação de atividades para não deixar os jovens entediados; evitar o estresse excessivo durante os treinamentos e competições. E um aspecto que merece destaque é o cuidado com o papel das críticas sobre o rendimento dos jovens, principalmente quando vinda dos pais, que freqüentemente são consideradas não como uma forma de corrigir algo, mas sim levadas para o lado pessoal, como se a criança ou o adolescente não tivessem capacidade de realizar as tarefas.

Esses aspectos citados são de grande importância, mas não são os únicos fatores que levam à desistência da prática esportiva. O treinamento em excesso, chamado de *overtraining*, também é um fator estressante que pode conduzir à desistência da prática desportiva (HANLON, 1994). A definição de como funciona e o que desencadeia o *overtraining* na literatura ainda é muito difusa, segundo a revisão bibliográfica realizada por Costa e Samulski (2005), mas seus efeitos são potencialmente destrutivos para uma carreira esportiva que se inicia: queda de desempenho no esporte e desequilíbrio psicológico, os quais também podem desestimular o indivíduo e levá-lo ao abandono do esporte.

Contudo, alguns dos fatores que acarretam estresse podem ser minimizados pelos profissionais que atuam com as crianças e adolescentes se estes conseguirem identificar e trabalhar estratégias em conjunto com os pais para evitar o estresse nas mesmas (GARCIA, 2000). Estes resultados vão ao encontro das conclusões de Cruz (1996) com base num estudo realizado com uma amostra de 164 atletas, no verificou-se que os indivíduos do sexo masculino revelaram menores níveis de ansiedade que os do sexo feminino. Numa outra investigação, de Mahoney et. al. (1987), também foram observadas diferenças por gênero, tendo as meninas apresentado menos confiança e mostrando-se mais ansiosas comparando-se com os rapazes.

Segundo Garcia (2000), o esgotamento (*burnout*) representa uma consequência do estresse, definida como “um estado de cansaço mental, emocional e físico gerado por uma dedicação persistente para um objetivo”. O *burnout* é uma área em crescente estudo por estar intimamente relacionada à desistência do esporte (*drop-out*). É importante ressaltar que há estudiosos como Coakley (1992a),

que afirmam que este se trata de um fenômeno social complexo angariado em um conjunto de relações sociais através das quais jovens atletas sentem-se enfraquecidos e sofrem de estresse a ponto de pensarem que o desenvolvimento no esporte de alto rendimento é uma via sem saída para eles.

Outros estudos apontam que os indivíduos praticam atividades desportivas por três razões: por vontade de participar; por acreditar que têm de participar; e o terceiro motivo é a conjugação dos dois primeiros (Weinberg & Gould 2001). Os indivíduos em *burnout* acabam caindo na armadilha da participação em atividades desportivas quando na verdade não querem participar, mas acreditam que devem participar.

Seguindo essa abordagem, para compreender o fenômeno da desistência, é importante identificar os motivos que levam à prática esportiva, mesmo que sejam eles distintos devido às diferenças regionais, sociais, culturais, econômicas, etc., embora possamos sugerir que alguns princípios básicos norteiam as motivações para a prática esportiva (HANLON 1994). Dentre esses podem ser citados: adquirir novas habilidades; melhorar destrezas; relacionar-se com outras pessoas; obter sucesso; competir; estar em forma; vencer desafios; etc. (HANLON, 1994; GARCIA, 2000).

Para Brustad (1993), há um grande consenso sobre os motivos que levam a criança a praticar o esporte, entretanto não há consenso em relação aos motivos que levam a criança e o adolescente à desistência da prática esportiva. Garcia (2000) destaca que os aspectos negativos que levam à desistência do esporte podem ser, por exemplo, aborrecimento, estresse, etc., mas são temas ainda insuficientemente estudados, o que reforça a necessidade de pesquisas para maior compreensão do fenômeno do *drop-out* no esporte.

3.2 INTER-RELAÇÕES DO ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Conforme Byrne (1993), existe um círculo de influências sobre o atleta, sendo que o triângulo esportivo treinador-criança-pais constitui-se na principal inter-relação norteadora para uma carreira esportiva de sucesso.

3.2.1 Atleta e os pais

Analisando especificamente a relação entre o atleta e os pais, fatores como a estrutura familiar, a cultura esportiva, as atitudes, dentre outros fatores característicos apresentados pelos pais, são de grande influência no processo de formação da carreira atlética (BYRNE, 1993).

Ducati (2008) indicou que os pais acabam tendo uma importância fundamental para a inserção das atletas na ginástica, dada a precocidade com que elas começaram seus treinamentos. Na maioria dos casos, aponta a autora, são os pais que gostam do esporte ou até mesmo se projetam nele, e, conseqüentemente, colocam seus filhos em escolas ou clubes onde possam ser iniciados. Assim, a família provavelmente é a primeira fonte de motivação para a iniciação esportiva, o primeiro contato com o esporte. Uva (2005) inclusive considera normal que os pais intervenham na prática esportiva dos filhos, pois são eles que realizam funções diretamente relacionadas à atividade escolhida, tais como transporte para treinos e competições, pagamento das mensalidades, aquisição de materiais e roupas, etc. (LOPES, 2007)

Até mesmo por conta disso, para Medina (2000), torna-se necessário elaborar programas de trabalho para assessorar os pais na intervenção adequada na relação de crianças e adolescentes com os pais. Para Byrne (1993), há várias condutas de pais de jovens atletas, desde aqueles que se dedicam a apoiar com serenidade até os que perturbam pela sua conduta inadequada. Byrne (1993, apud Hellstadt 1987), descreveu uma linha contínua de envolvimento dos pais, conforme a tabela a seguir.

| | | | | |
|----------------------|---------------------|-----------------------|------------------------|----------------|
| Pais desinteressados | Pais mal informados | Zona de conforto | Pais excitados | Pais fanáticos |
| Subenvolvimento | | Envolvimento moderado | Envolvimento excessivo | |

Tabela 1 – O contínuo do envolvimento dos pais.

Fonte: Byrne (1993, p. 43).

Para Byrne (1993), pais desinteressados transferem a responsabilidade de cuidar de seus filhos para o treinador. Os pais estão mais preocupados em dar uma ocupação e não em ter preocupação com seus filhos. Já os mal informados são aqueles que, a partir de uma primeira impressão ou um primeiro contato, consideram

compreendidas todas as informações necessárias para a prática de seu filho. Nesses casos, parece não haver desinteresse por parte dos pais, mas sim uma incompreensão da importância de um envolvimento moderado.

Pais moderados são os considerados dentro de uma zona ideal de comportamento perante a atividade de seu filho. Encorajar, apoiar e incentivar os filhos no esporte de maneira consciente, colaborando quando necessário, são atitudes que poderão ajudar seu filho a evoluir como pessoa e como atleta (BYRNE, 1993).

O envolvimento excessivo é demonstrado por pais excitados que parecem estar sempre dispostos a colaborar. Frequentam os treinamentos e se envolvem no processo de forma adequada. Porém, em determinados momentos de competições ou até mesmo em treinamentos, agem de forma exacerbada. O comportamento inadequado pode constranger seus filhos ou mesmo dar-lhes mau exemplo. E os mais problemáticos são os pais fanáticos, que normalmente desejam que seus filhos sejam os heróis no esporte. Nunca estão satisfeitos com o desempenho de seu filho. Interferem negativamente no processo de formação do atleta, achando problemas com arbitragens, com o próprio técnico e com cobranças além da conta com seu filho (BYRNE, 1993).

3.2.2 Técnico e os pais

Para Hanlon (1994), os pais devem seguir algumas recomendações na inter-relação com o técnico. A mais importante é aceitar o papel do treinador para com seu filho. Não recomendar ao treinador sobre como trabalhar e não aconselhar o seu filho durante treinamentos e competições também são condutas a serem seguidas para evitar problemas de inter-relações.

3.2.3 Técnico e o atleta

Dentro do contexto esportivo, Samulski (1995) cita a importância do relacionamento do técnico com a criança ou adolescente. Durante o processo de formação, essa relação pode determinar o sucesso ou a desistência do atleta. É importante que o técnico conheça e respeite as diferentes exigências de cada faixa etária, a fim de desenvolver adequadamente o potencial do atleta. Por outro lado,

condutas inadequadas podem provocar a desmotivação e desistência do atleta ainda em formação. Ducati (2008) também apresenta em sua pesquisa a influência do técnico no momento decisório de abandono ou prosseguimento no esporte, dada a pressão por ele exercida sobre a criança para que ela não deixe o esporte. Para a pesquisadora a conclusão, após um questionário aplicado em atletas de Ginástica Artística, foi de que o papel do técnico era bastante relevante, tanto para a função mais evidente de treinamento e conseqüente desempenho como para a desistência ou não da ginasta, dado que muitas atletas apontavam haver uma pressão por parte de seus treinadores.

A habilidade em conduzir o atleta motivado a prática esportiva sem perda de rendimento é a chave do sucesso para técnicos. Muitas vezes, os técnicos se preocupam somente com o rendimento e se esquecem de que é necessária uma boa dose de motivação para a continuidade desse processo de evolução. Algumas vezes, os técnicos priorizam a motivação por meio de atividades variadas ou simplesmente por uma “aliviada” no treinamento, porém com perda de rendimento. Esses fatores diferenciam técnicos que conseguem mobilizar suas equipes e obter bons resultados daqueles que perdem a mobilização no meio do caminho ou perdem seus atletas (SAMULSKI, 1995).

4 GINÁSTICA ARTÍSTICA FEMININA (GAF)

A ginástica artística feminina (GAF) é uma modalidade bela e complexa, devido à variedade de movimentos artificiais, dinâmicos ou estáticos, de difícil coordenação, executados em aparelhos (JOÃO, 1999). São exigidos exercícios de força, flexibilidade, equilíbrio, agilidade, coordenação, potência, entre outros, nos aparelhos, além de uma boa dose de coragem e superação. O nível de exigência dos exercícios que a ginasta tem de realizar depende da linha de atuação a ser seguida.

Segundo João (1999), a GAF pode seguir duas linhas de atuação: de massificação e de competição. A diferença básica entre uma e outra está no objetivo a ser alcançado. No primeiro tipo, encontram-se pessoas cujo propósito é praticar esporte para usufruir dos benefícios que este pode proporcionar à saúde, ou para melhoria das capacidades físicas, para socialização, por lazer, entre outros. Na linha de competição, o objetivo é atingir o máximo desempenho em busca de resultados em competições.

A preparação em longo prazo é um fator necessário pela complexidade e variedade apresentada nos exercícios, o que conduz a uma iniciação precoce da GAF. O processo inicia em torno dos 5-6 anos e pode durar, em média, até os 20 anos de idade (FILIN, 1998). Os treinamentos normalmente são rigorosos, dedicando grande parte de suas vidas a essas metas.

Associado à rotina de repetições excessivas, necessárias durante o processo de aprendizagem, o treinamento diário é dividido em várias etapas, como o aquecimento, preparação física, flexibilidade, balé, educativos, exercícios nos aparelhos, etc. As ginastas infantis já sofrem as mesmas pressões e cobranças durante os treinamentos e as competições que as atletas adultas. Assim, a permanência longa no ginásio parece inevitável, e, conseqüentemente, a manutenção de níveis altos de motivação é essencial (LOPES, 2007).

Dependendo do objetivo a ser seguido, o tipo de trabalho muda substancialmente (JOÃO, 1999). Nesta pesquisa o foco é na GAF de alto rendimento, o que significa analisar as causas e as conseqüências do que acompanha esta forma de praticar a GA.

4.1 GAF DE ALTO RENDIMENTO

Atualmente, em eventos internacionais como os campeonatos mundiais e os jogos olímpicos, a ginasta começa a competir a partir dos 16 anos de idade, quando deve dominar as habilidades necessárias à execução das tarefas específicas de cada aparelho, ou seja, as séries de exercícios. Nessa fase, ocorre um decréscimo acentuado na aprendizagem de novos elementos, o que alguns denominariam de fase de manutenção (BOMPA, 2002b). Mas, embora o volume de aprendizagem das ginastas diminua consideravelmente, há um aumento proporcional do volume de treino para o aprimoramento técnico e eliminação de pequenas falhas que possam comprometer a qualidade da performance.

Em relação às competições, existe uma preocupação com a precocidade das mesmas na rotina de atletas muito jovens. Nessa modalidade, segundo Arena e Böhme (2004) e Ducati (2008), as crianças devem participar de competições para iniciantes ou apresentações muito cedo, contrariando recomendações de Federações Internacionais de esporte, que dizem que competições para menores devem ser informais e realizadas como diversão. Além disso, Balvi (2003) e Duda (1996) também apresentam pesquisas na defesa deste ponto de vista.

Claessens et al. (1992) destacam que as ginastas iniciam muito jovens na modalidade e precisam treinar muitas horas por semana para alcançar o alto nível, citando as ginastas holandesas que iniciavam os treinos por volta dos 7,5 anos de idade e treinavam, em média, 25 horas por semana. Outras pesquisas mencionam que as ginastas iniciam por volta de 5-6 anos de idade e treinam mais de 20-30 horas por semana (DALY et al., 2002).

Caine et al. (2001), detalhando a rotina da GAF de alto rendimento, mencionam que as atletas treinam entre 24 e 36 horas por semana, de 4 a 6 horas por dia e durante os 12 meses do ano. Outros autores também fazem referência ao volume de horas de treinamento na GAF de alto nível (THEINTZ et al., 1993; DALY et al., 2005). As ginastas treinam 7 horas por dia, folgando apenas aos domingos, isso quando não há competições (ROMERO, 2003).

Os vários anos de treinamento intensivo das ginastas aos quais são submetidas até chegar ao pódio, são iniciados bem cedo para atingir o pico de performance a partir dos 15 anos de idade. Os fatos e a maneira como o processo de formação é conduzido influenciarão diretamente na carreira da ginasta. Na

opinião de Balvi (2003), o campeão é o somatório de fatores intrínsecos e extrínsecos favoráveis. Ainda que as condições genéticas não sejam as ideais, fatores extrínsecos como a qualidade da instrução, a infraestrutura e o apoio adequados podem favorecer a formação do atleta. Assim, mesmo que a campeã mundial (2003) e vice-campeã olímpica (2004) de GAF, a ginasta Svetlana Khorkina (1,65 m de altura), seja “alta demais” para os padrões da GAF, ela reúne outras qualidades, tornando-se uma das melhores do mundo, obtendo sucesso em três edições dos Jogos Olímpicos. Mas, por outro lado, fatores extrínsecos desfavoráveis conduzirão a frustrações na carreira e a uma possível desistência precoce, complementa o autor.

A prática da GAF de alto rendimento exige muito da atleta no que diz respeito à aquisição de habilidades motoras, condições físicas, condições emocionais e psicológicas, além de um contexto favorável para o desenvolvimento de suas habilidades. É uma modalidade que exige grande capacidade motora e tem uma variedade de exercícios de difícil execução, realizados em diferentes equipamentos (SMOLEVSKIY et al., 1996).

O contraste do desenvolvimento de atletas masculinos para os atletas femininos nessa modalidade é grande. Segundo Lopes (2007), até a fase pré-púbere, meninos e meninas crescem e desenvolvem de maneira igual a força muscular. Com a puberdade, o aumento da massa gorda na menina não acompanha o desenvolvimento da massa magra, o que gera a impressão de que a força diminuiu. Com a menarca, além do aumento de gordura subcutânea, o corpo sofre alterações e adquire novos contornos: o diâmetro do quadril aumenta, o da cintura diminui, e os seios se tornam mais volumosos, o que gera deslocamento do centro de gravidade da atleta muitas vezes. A autora cita, também, que a força máxima e a força rápida aumentam em menor escala nas meninas, e que, entre aquelas destreinadas, esta força pode não progredir ou até diminuir devido ao aumento acentuado do peso.

Somam-se a essa questão outros fatores. Segundo Adrian e Cooper (1995), por exemplo, o limite de 10 centímetros de largura da trave de equilíbrio permite à ginasta pouca margem de erro para as laterais. Assim, a atleta deve adequar suas medidas (altura, tamanho do pé e alavancas) ao aparelho e tirar o máximo de vantagem dos conceitos biomecânicos, aliados ao seu talento e características individuais. Sobre esse aspecto, Peltenburg et al. (1984) mencionam que, do ponto

de vista da biomecânica, medidas menores das ginastas de alto nível, favorecem a realização de acrobacias mais complexas, principalmente as rotações no eixo transversal e suas variações.

Por essa razão, a trave de equilíbrio, segundo Duarte (2008), é geradora de medo em mais de 50% das atletas de GA. Vale lembrar que o medo crônico pode alterar o metabolismo energético e gerar aumento de tensão muscular, causando mudanças na composição corporal do atleta e prejudicando sua performance e/ou recuperação de eventual lesão (EPIPHANIO e DE LUCAS, 2000). Heil (apud EPIPHANIO E DE LUCAS 2000) indica o medo como fator muito influente na ocorrência de lesão, devido às alterações que ele causa no atleta, tanto em seu estado de alerta quanto nas respostas fisiológicas a ele (DUARTE et al., 2008) Também Cartoni, Minganti e Zelli (2005) e Nunomura (1998) corroboram com os estudos primordiais de Feigley (1987) ao citar estudos que indicam que o medo é um dos fatores que comprometem o sucesso na GA, além de tratar-se de uma das possíveis causas de acidentes.

O sucesso de países como os Estados Unidos e a China na GA de alto rendimento, passam pelo bom desempenho demonstrado nas competições em aparelhos como a trave de equilíbrio e paralelas assimétrica, onde vencer o medo e buscar a perfeição técnica são de fundamental importância para atingir o nível de excelência. Esse fato fica evidente quando se analisam os resultados dos últimos campeonatos mundiais e Jogos Olímpicos (FIG, 2008). Tanto nos Estados Unidos como na China, o número de praticantes de altíssimo nível na categoria adulta é elevadíssimo, com uma reposição contínua de ginastas e uma concorrência muito grande. Esses fatores colaboram continuamente para a evolução técnica, sem intervalos pela falta de reposição de ginastas talentosos.

O sucesso internacional da ginástica brasileira atraiu a atenção da mídia, evidenciando-se as conquistas e a rotina de treinamento das ginastas. As conquistas obtidas pelas grandes ginastas brasileiras são frutos de muito talento e esforço porque, no Brasil, além dos baixos investimentos, não há uma política que privilegie o seu desenvolvimento (NUNOMURA, 2004).

Há uma escassa bibliografia no Brasil sobre a GAF, configurando-se como um problema real para um desenvolvimento do treinamento deste esporte. Para Nunomura et al. (2005, p. 29):

O quadro que o cenário esportivo brasileiro apresenta em relação ao desenvolvimento da ginástica mostra-se deficitário, com pouquíssimos locais de treinamento de alto nível, sem demonstrar avanço científico nesses trabalhos. Faltam estudos e pesquisas sobre questões técnicas e táticas desenvolvidas nos treinamentos que estão sendo aplicados em algumas equipes de ponta no país; falta divulgação das propostas trabalhadas; falta aperfeiçoamento dos técnicos nessa modalidade, além de cursos de especialização na área. Não há uma estrutura adequada para formação de técnicos de ginástica nem a preocupação, por parte das entidades que cuidam da ginástica em nosso país, em desenvolver normas e critérios de formação de ginastas.

Assim, pode-se observar que não existe um método desenvolvido no processo de formação das ginastas brasileiras, além de outras precariedades na estrutura da modalidade.

Um dos problemas deste esporte no Brasil é a falta de formação especializada de profissionais capazes de desenvolver um bom trabalho. No contexto internacional, há programas específicos para a formação dos profissionais de GA, assim como para as diversas modalidades esportivas, e que são desenvolvidos em um trabalho integrado entre associações, federações e confederações, mas, no Brasil, a situação é muito diferente.

Aqui, a GA não possui um sistema de formação para os profissionais que almejam seguir a carreira de técnico. A formação de associações ainda não faz parte de nossa cultura e as federações e as confederações também não criaram um sistema de formação dos profissionais do Esporte. Assim, essa responsabilidade fica a cargo das universidades, por meio dos cursos de graduação e de especialização (NUNOMURA, 2004). No RS, a situação é ainda pior, não existe uma formação de novos técnicos e nem uma política que ande nesta direção.

A complexidade do panorama da ginástica brasileira ainda piora quando observamos que as crianças, além dos campeonatos de sua idade, para completar a equipe, são inscritas em competições de categorias mais velhas, podendo ter demandas acima de suas condições reais, gerando ainda maior risco de lesões e estresse (Duda; Gano-Overway, 1996). Percebe-se com isso que o futuro da GA no Brasil está bastante comprometido, e que, se não houver mais qualificação e investimento nas categorias de base, provavelmente não haverá outras gerações de ginastas em nível de competição internacional em nosso país. Assim, muitos talentos se perderão até que seja construída uma infra-estrutura adequada ao fomento do esporte (NUNOMURA, 2009).

4.2 GINASTAS DE ALTO RENDIMENTO

A ginasta se expressa com o próprio corpo e as exigências biomecânicas das acrobacias atingem alto grau de dificuldade. Quando a proporcionalidade corporal das ginastas é equilibrada, ela apresenta grande força muscular, peso e estatura baixa (CALDERONE et al., 1986). Com relação às capacidades físicas, as mais exigidas nessa modalidade são coordenação, flexibilidade, potência, força e capacidade anaeróbia. E entre os aspectos psicológicos: perseverança, autoconfiança e disciplina são essenciais. Sobre as características antropométricas, aquelas que apresentam estatura de baixa para média parecem levar vantagem. Essas medidas como estatura, peso e comprimento dos membros são fatores importantes e, em certas modalidades esportivas, até determinantes (BOMPA, 2002).

Por vezes, o fator estatura baixa está vinculado às características biomecânicas da modalidade. Segundo Nunomura (1998), a ginasta desafia as leis da física buscando o domínio do corpo nas mais variadas situações: em inversão, em rotação, em diferentes alturas e equipamentos e coordena, simultaneamente, as ações de diversos segmentos corporais. Ou seja, o corpo da ginasta se torna um projétil vivo, que utiliza conceitos da biomecânica para se lançar ao espaço, aperfeiçoar os movimentos e realizar acrobacias em frações de segundos e, a seguir, aterrissar com absoluto controle. As ginastas utilizam o próprio corpo para interagir com aparelhos que diferem em altura e têm medidas altamente específicas, e buscam adequar-se a essas variações.

No alto rendimento, as proporções corporais desempenham papel fundamental nas diferentes modalidades e a variável estatura geralmente representa o fiel da balança, ou seja, determina a maior ou menor probabilidade de sucesso (GAGLIARDI et al., 2003).

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

5.1 TIPO DE ESTUDO

Esta pesquisa caracteriza-se como um modelo de estudo do tipo descritivo de característica qualitativa que identifica e descreve o problema da pesquisa por meio de questões claras e objetivas. As questões buscam investigar, detalhar e esclarecer as razões que determinam a decisão, ou conjunto de decisões, a ser tomada em determinados momentos sobre a desistência da prática da GA por ginastas de alto rendimento do sexo feminino do Rio Grande do Sul.

5.2 SUJEITOS DA PESQUISA

A amostra caracteriza-se por ser do tipo intencional e não aleatória, composta por 10 ex-ginastas do sexo feminino e 10 pais ou responsáveis. Foram escolhidas as ex-ginastas que desistiram da GA após os 12 anos de idade. Essa faixa etária corresponde a idade em que as ginastas entram na categoria juvenil e com maior exigência técnica nas competições nacionais e internacionais da GA, englobando muitas variáveis intervenientes no processo de formação. Existem documentos que registram poucas ginastas competindo a partir dos 12 anos de idade na 1ª divisão em competições estaduais e nacionais de janeiro de 1998 até dezembro de 2009.

A determinação de 10 ex-ginastas e 10 pais ou responsáveis caracteriza uma representatividade grande desta população escolhida, devido às poucas entidades que trabalham com a GA de alto rendimento no RS. Com os pré-requisitos exigidos neste estudo para a seleção das ex-ginastas entrevistadas, o número de participantes da pesquisa torna-se suficiente para atingir os objetivos desta pesquisa, visto a grande representatividade da população do grupo em estudo. Nos últimos dez anos, a representatividade do Estado em competições nacionais de 1ª divisão no naipe feminino ficou restrita a pouquíssimas entidades (CBG, 2008), sendo que em dez anos de trabalho na GA uma entidade desenvolve no máximo duas gerações de ginastas, devido ao longo processo de formação necessário (BALYI, 2003). Exceto no caso de haver mais de uma equipe de profissionais trabalhando ao mesmo tempo, o que não ocorre em nosso Estado, representando

uma produção reduzida no número de ginastas de alto rendimento. Assim, a baixa produção de ginastas de alto rendimento do RS aliada à alta desistência das mesmas fica evidente hoje em dia quando se constata pouquíssimas ginastas no RS com idade para participar de competições na categoria adulta em nível internacional, que corresponde a 16 anos de idade ou mais (FRG 2008).

As participantes da pesquisa desistiram da GA entre 1º de janeiro de 1998 até agosto de 2009. Ficando questões mais atuais da nossa realidade como objetivo deste estudo. Todas participaram de competições de 1ª divisão em nível nacional e representaram entidades do Rio Grande do Sul, tendo treinado por pelo menos um ano nas entidades do RS, e residentes atualmente no estado.

Foi escolhido um dos pais ou o responsável por atleta, tendo sido escolhido o que teve mais convivência com a mesma na época em que treinava GA, fornecendo informações sobre a carreira da ex-ginasta sob o ponto de vista da família.

As ex-ginastas que fizeram parte deste estudo foram convidadas pessoalmente pelo pesquisador. Para as ginastas menores de 18 anos de idade, foi apresentado um termo de consentimento livre e esclarecido para os responsáveis das ex-ginastas, a fim da liberação legal da participação das mesmas na pesquisa.

Todos os participantes foram informados antes da pesquisa sobre os objetivos do estudo e como seria realizada a coleta de dados, ficando a seu critério participarem ou não da pesquisa, como mostramos nos anexos deste estudo. Todas as considerações éticas em relação à pesquisa com seres humanos foram seguidas, a fim de assegurar os seus direitos de privacidade e garantir o anonimato. A autorização para participação da pesquisa foi realizada por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme determina a Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e aprovado pelo Comitê de ética da UFRGS concordando com a participação voluntária na pesquisa, podendo retirar-se da investigação a qualquer momento se assim desejassem.

5.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

As técnicas de coleta de informações de pesquisas descritivas mais usadas são a entrevista e o questionário, sendo diferenciados pelo método de questionamento. As entrevistas pessoais, em geral, produzem dados mais válidos que os questionários, devido ao contato pessoal e à oportunidade de certificar-se de

que os entrevistados compreenderam as questões. O fato de a amostra ser pequena torna possível a realização das entrevistas face a face. A entrevista é mais adaptável e as perguntas podem ser reformuladas por meio de questões subseqüentes. A possibilidade de o entrevistador observar como o entrevistado responde, colabora na análise e validade dos resultados. Porém, teve-se o cuidado de o entrevistador não emitir opinião, não fugir do assunto e deixar o entrevistado mais à vontade possível. Além disso, as pessoas preferem falar a preencher um questionário, o que no caso desta pesquisa torna-se necessário devido a um maior enriquecimento de dados a serem coletados pelos sujeitos a serem pesquisados (THOMAS et al., 2007).

Diante disso, o instrumento utilizado na pesquisa foi a entrevista pessoal semiestruturada, que contém uma “espinha dorsal” com um roteiro pré-elaborado de acordo com o objetivo da pesquisa, como mostramos nos anexos deste estudo. Na entrevista, foi possível incluir questões subseqüentes as questões pré-elaboradas em complemento aos dados obtidos.

Foi utilizado um gravador digital MP3 durante as entrevistas para que não fosse perdido nenhum dado, e o entrevistador não tivesse a preocupação de anotar as respostas do entrevistado. Desta forma, obteve-se tempo para fazer pequenas observações sobre fatos ou sobre a forma como estavam sendo respondidas as questões.

5.4 REGISTRO E ANÁLISE DOS DADOS

Todas as informações obtidas nas entrevistas foram gravadas e transcritas para o computador, ficando o registro completo das entrevistas à disposição dos pesquisadores e entrevistados.

Já as informações transcritas foram agrupadas por questões e temas diferenciados, de acordo com os objetivos da pesquisa, descrevendo e evidenciando as respostas dos pesquisados.

Os objetivos específicos foram analisados separadamente como fator de influência na carreira das ginastas. As causas da desistência da GAF de alto rendimento mais citadas e explicitadas pelos colaboradores foram identificadas e descritas claramente, demonstrando as razões da desistência das ginastas do Rio Grande do Sul.

Dentro do universo pesquisado, foi elaborada a porcentagem de cada questão colocada para os entrevistados, analisando e discutindo separadamente os fatores da desistência da GAF de alto rendimento no Rio Grande do Sul. Mostrando evidências do por que da desistência desta modalidade esportiva na faixa etária pesquisada, assim como esclarecimentos sobre cada objetivo específico.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

6.1 FATORES QUE LEVAM À DESISTÊNCIA DAS GINASTAS DE ALTO RENDIMENTO NO RS

Diversos foram os fatores citados que evidenciam os problemas existentes na GA de alto rendimento no RS e que exerceram influência sobre a desistência da prática da GA de atletas de alto rendimento do sexo feminino de janeiro de 1998 até o momento.

Para cada caso estudado houve influência de mais de um fator, sendo preponderante alguns mais que outros, dependendo da ginasta pesquisada.

Primeiro, coloca-se de forma geral os problemas citados e depois expõe-se cada fator descrito para uma melhor análise.

Os fatores citados pelas ex-ginastas e pais que levaram à desistência das ginastas de alto rendimento no Rio Grande do Sul são:

- a) Falta de incentivo;
- b) Excesso de dedicação dos atletas com baixo retorno;
- c) Treinamento muito forte;
- d) Pressão psicológica dos técnicos e dos pais;
- e) Dores corporais;
- f) Lesões;
- g) Novas opções de afazeres, mudança de interesses;
- h) Rendimento abaixo das próprias expectativas;
- i) Muito estresse;
- j) Falta de apoio financeiro;
- k) Excesso de dedicação e investimento dos pais;
- l) Falta de estrutura das entidades que oferecem o treinamento da G.A;
- m) Medo de realizar exercícios;
- n) Excesso de peso corporal.

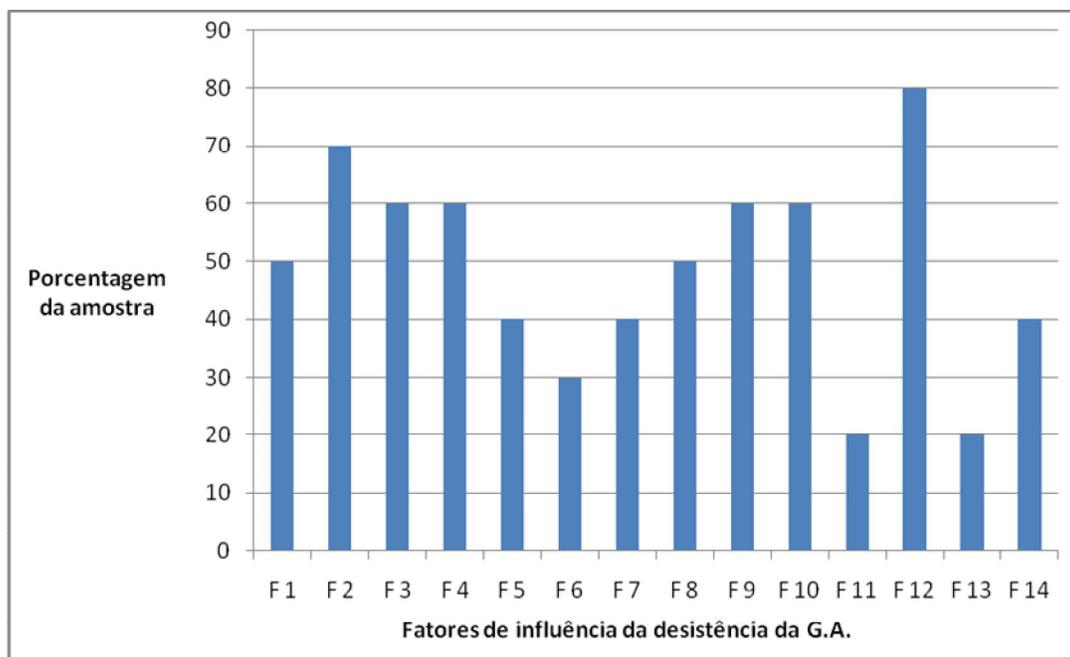


Figura 1 – Fatores que influenciam a desistência da GA no RS.

F 1 - Falta de incentivo; F 2 - Excesso de dedicação dos atletas com baixo retorno; F 3 - Treinamento muito forte; F 4 - Pressão psicológica dos técnicos e dos pais; F 5 - Dores corporais; F 6 – Lesões; F 7 - Novas opções de afazeres, mudança de interesses; F 8 - Rendimento abaixo das próprias expectativas; F 9 - Muito estresse; F 10 - Falta de apoio financeiro; F 11 - Excesso de dedicação e investimento dos pais; F 12 - Falta de estrutura das entidades que oferecem o treinamento da GA; F 13 - Medo de realizar exercícios; F 14 – Excesso de peso corporal.

6.1.1 Falta de incentivo

Como falta de incentivo foi mencionada a falta de apoio por parte de autoridades como dirigentes de clubes; falta de interesse de governantes e falta de uma política de apoio a este esporte. Para os entrevistados, isso gerou algumas conseqüências danosas ao esporte como, por exemplo, a baixa motivação dos atletas para treinar e dos pais para continuar a investir na carreira do filho, visto que o retorno de toda uma dedicação ao esporte seria quase nulo. A falta de verbas para viagens em estágios de treinamentos e competições foi citada como um grande problema, que os pais tentam contornar a situação nas primeiras viagens, porém, quando repetitivo, torna-se cansativo e desgastante devido ao sacrifício financeiro familiar. Como exemplo de falta de incentivo transcreve-se a seguinte colocação de um responsável entrevistado:

[...] eu acho que falta de motivação foi o principal motivo. É que elas precisam de bastante motivação porque é muito trabalho, a carga horária é grande, então tem que tá sempre renovando a motivação é muito cansativo, tem que ter coisas novas, um patrocínio, viagens, passeios que boa parte da vida delas, fica só enterrada na ginástica, ela vive mais horas fazendo tudo isto que qualquer outra coisa. (Responsável 1)

Esta colocação demonstra que é necessário existir um incentivo maior para que haja continuidade no trabalho existente e um constante empenho por parte de técnicos, pais e dirigentes para manter a motivação em um alto patamar. Esta observação vai ao encontro dos resultados de Coakley e White (1992a). Em sua pesquisa, os autores encontraram como um dos principais fatores da desistência do esporte a falta de incentivo por parte dos pais, parentes e/ou outros adolescentes. Complementa-se essa colocação com o fator apontado como decisivo na pesquisa citada acima: a influência da determinação social relacionada à figura feminina e seu papel na adolescência. Segundo os autores, o gênero é um aspecto fundamental considerando-se a observação de que, para os jovens que estão tornando-se homens, há uma associação positiva entre a prática esportiva e a construção da masculinidade, ao passo que a afirmação da feminilidade na adolescência não demonstra ser muito compatível com a participação no esporte de alto rendimento. Assim, apesar de nessa pesquisa não haver um estudo comparativo entre homens e mulheres desistentes, vale lembrar que outros trabalhos apontam para o fato de que a sociedade como um todo não tem por hábito estimular as jovens ao esporte de alto rendimento, o que foi evidenciado pela dificuldade (inconsciente) de meninas declararem-se esportistas em entrevistas mesmo quando estavam vinculadas a uma prática esportiva como a ginástica porque a consideravam infantil. Essa conclusão também foi observada por Ducati (2008), que ressaltou o poder de influencia da representação social da figura do atleta para os meninos.

6.1.2 Excesso de dedicação dos atletas com baixo retorno

Este fator foi o segundo mais citado pelos entrevistados como principal motivo para a desistência da prática da GA de alto rendimento no RS. Isso foi identificado devido à grande exigência física e psicológica à qual as ginastas são submetidas durante seus treinamentos. O alto grau de dificuldade dos exercícios realizados

coloca as ginastas em uma situação que necessita muito treinamento para atingir suas metas. Um responsável de uma ex-ginasta citou a seguinte frase:

[...] o principal motivo que uma criança deixa eu acho que é a exigência. O nível de exigência. E outra coisa, se não existe este nível de exigência não existe o atleta, não existe o alto rendimento, então é coisa que parece que tá correndo em volta do teu rabo, entende? Não sei como resolver isto. (Responsável 3)

Esta frase simples traduz o pensamento de várias pessoas que foram entrevistadas. A alta exigência durante os treinamentos associada à falta de reconhecimento das entidades que devem apoiar o esporte, tanto em nível financeiro quanto moral leva a uma baixa compensação pela dedicação despendida por atletas e pais. Além disso, assim como concluíram Coakley e White (1992a), percebe-se que a necessidade crescente de provar competência que é própria da idade estudada acaba por somar-se às dificuldades inerentes ao esporte para influenciar o jovem a desistir do mesmo. Essa reclamação foi muito veemente, principalmente no sentido de “não valer a pena se dedicar tanto pela ginástica”. A citação de uma mãe revela bem este sentimento:

[...] eu acho que ela deixou de aproveitar certos momentos da vida dela, que seriam essenciais pro amadurecimento como uma pessoa, como criança, como adolescente deixa de vivenciar certos momentos, tudo em detrimento do treino da ginástica. Então este é um aspecto bastante negativo. (Responsável 4)

O alto grau de exigência do esporte também se reflete na forma de perfeccionismo, como já foi bem explorado por Appleton, Hall e Hill (2009). Segundo suas pesquisas, há duas formas bem distintas de demanda à perfeição: o auto-perfeccionismo e o perfeccionismo social. O segundo tipo, ao contrário do primeiro, ligado à necessidade de autoafirmação, acaba se associando de forma negativa à alta demanda do esporte e acaba por tornar mais difícil a realização do atleta.

6.1.3 Treinamento muito forte

O treinamento muito forte está relacionado com o treinamento diário das atletas dentro do ginásio, existindo uma diferença em relação à dedicação como um todo. Neste quesito, o que foi citado é o desgaste físico e mental durante as horas

em que a ginasta está em treinamento dentro do ginásio, como afirmaram também Vilani (2001) e Hanlon (2004) em suas pesquisas. Este fator é mais momentâneo por ter a resposta imediata ao cansaço. A repetição de exercícios onde é necessária muita força e resistência, além de um alto grau de concentração, leva a um desgaste momentâneo que com o tempo se acumula. Costa e Samulski (2005), em seu levantamento sobre o fenômeno do *overtraining*, relata que um dos principais fatores causadores desse tipo de estresse é a rotina pesada de treinamentos, viagens e competições (períodos de pressão mais intensa), sem a existência de períodos de recuperação posteriores. Contudo, dentre os fatores mencionados, este não ficou entre os mais citados.

6.1.4 Pressão psicológica dos técnicos e dos pais

A pressão psicológica exercida pelos técnicos durante os treinamentos para que realizem os exercícios de maneira correta em busca pela perfeição e a pressão dos pais para a obtenção de resultados positivos foram citadas pelas ginastas como um fator estressante que leva a uma sobrecarga emocional negativa, o que vai ao encontro das colocações de Ducati (2008) e Samulski (2005). Como afirma a ginasta em resposta à pergunta: Qual motivo teria levado à desistência da prática da GA:

[...] pressão dos pais, e pressão psicológica do técnico e do ambiente, exaustão emocional porque tinha que ter muita disciplina e eu não gostava mais, não sentia prazer em freqüentar todo dia... (Ginasta 2)

Esta pressão que as ginastas relataram demonstra uma ansiedade por parte de técnicos e pais por resultados antecipados ao auge que a ginasta pode atingir. A ansiedade foi demonstrada em algumas entrevistas com os pais a partir do momento em que eles consideraram que seus filhos não estavam apresentando os resultados esperados e, por conseqüência, pararam de apoiar o treinamento de seus filhos.

O resultado de Appleton, Hall e Hill (2009) corrobora com essa conclusão ao afirmar que o medo de ter uma avaliação negativa por parte dos outros aumenta a percepção de ameaça do indivíduo, o que aumenta a probabilidade de experimentar uma debilitação emocional e o desgaste subsequente. A tentativa intensa de evitar o fracasso e a manutenção de altos padrões de realização, que são em geral ilusórios,

tem o efeito inverso e perpetua a sensação de insatisfação e medo. Entretanto, vale relativizar esse fator ao lembrar que o mesmo autor identificou em sua pesquisa que a existência do perfeccionismo auto-estimulados pode tornar irrelevante uma postura incentivadora por parte do técnico, posto que o que valerá nesse caso será a auto-imagem do atleta e sua capacidade de atingir os objetivos estabelecidos como suficientes por ele mesmo.

O excesso de pressão também vai de encontro à necessidade de aumentar a própria autonomia e independência dos futuros adultos. Esse fator foi indicado pela pesquisa de Coakley e White (1992a) como elemento de forte influência ao desligamento do esporte por parte dos jovens atletas.

6.1.5 Dores corporais

Os fatores estão relacionados entre si e, no caso das dores corporais que são freqüentes na vida das ginastas de alto rendimento, podem estar relacionados ao excesso de carga de repetições de exercícios ou ao início de lesões devido ao impacto de exercícios realizados de maneira incorreta. Isso foi citado como um incômodo para alguns ginastas que são mais sensíveis a dor que outros.

As bolhas nas mãos é uma constante na vida das ginastas. O atrito entre a pele das mãos e os barrotes da paralela assimétrica não tem como evitar porque as mãos roçam o tempo inteiro no treinamento. As conseqüências são as bolhas e a pele irritada, que muitas vezes fica em “carne viva”. As dores causadas nas mãos muitas vezes podem-se tornar um problema, como vemos nestas fotos as mãos de uma ginasta gaúcha:



Fotos 1 e 2 – Fotos das mãos de uma ginasta gaúcha.

Na maior parte das vezes, as ginastas devem continuar os treinamentos nas paralelas assimétricas, ainda que as mãos estejam no estado que vemos nesta foto.

6.1.6 Lesões

Foi um fator pouco citado pelos entrevistados, porém, relevante para a decisão de abandonar a prática da GA. As ginastas que abandonaram devido à

lesão, não decidiram imediatamente após a mesma, mas esse fato fez com que pensassem e se questionassem até que ponto “valia a pena treinar”. Todas as entrevistadas que sofreram lesões retornaram ao treinamento, mas não como era antes a lesão. A capacidade de realização de exercícios e a dedicação integral à ginástica mudaram a partir desse evento negativo. A lesão na idade em que as meninas estão entrando na adolescência coincide com o surgimento do interesse por festas, passeios e outras coisas típicas da adolescência.

Esse resultado corrobora com o resultado obtido por Butcher et al. (2002), segundo os quais um dos maiores motivadores de abandono precoce do esporte para as atletas do sexo feminino de diversas modalidades é a incidência de lesões.

6.1.7 Novas opções de afazeres, mudanças de interesses

O relato de uma ex-ginasta que desistiu da GA aos 13 anos de idade:

Eu acho que eu não tinha mais vida, não tava mais tendo contato com o mundo era só ginástica o dia todo. (Ginasta 3)

demonstra vontade de ter maior liberdade e a mudança de interesse pelas coisas que o mundo oferece. Esta declaração coincide com o início da adolescência, sendo reforçado por um responsável que coloca:

[...] a ginasta atinge um ponto na sua adolescência, na sua pré-adolescência que precisa de um “Q” a mais. Porque quando ela chega aos 12, 13 anos ela começa a enfrentar uma outra fase dentro da sua vida que muitos outros meios acabam atraindo este jovem para as coisas do mundo. (Responsável 2)

O relato de muitos responsáveis demonstra uma mudança de comportamento nas ginastas a partir dos 12 ou 13 anos de idade, criando um conflito em casa que antes não existia. Essa mudança de percepção das atletas gera um interesse por outros afazeres que o mundo oferece.

Por outro lado, o relato de uma ex-ginasta que abandonou a GA há mais tempo coloca o seguinte:

[...] minha mãe tinha dito de eu ter perdido tempo sabe, eu acho que não, pra mim não foi, a época que eu me machuquei que eu vi outros horizontes

sabe, mas horizontes muito mais pobre assim que eu tinha na ginástica, sabe de tu ter uma equipe, a nossa equipe era maravilhosa, das amizades que eu tenho até hoje assim sabe, de tudo que eu aprendi com a ginástica, então estas fases que eu perdi da minha infância de estar brincando, acho que foram tudo coisas menores do que o que eu ganhei com a ginástica. (Ginasta 4)

Este relato mostra que há diferentes opiniões sobre este tema. Dependendo da maneira de ver o que foi realizado na época dos treinamentos, pode-se chegar a opiniões divergentes. Essa conclusão é corroborada pelos estudos de Coakley (1992a), nos quais ele ressalta o fato de que o esporte pode tornar-se desagradável ao adolescente quando for visto como fonte única e, portanto, geradora de uma identidade unidimensional limitadora da autonomia e independência desejada nessa fase. No entanto, quando associada a uma complexidade que permite formar-se além da identidade de atleta, o esporte de alto rendimento ajuda no amadurecimento dos jovens diante de vitórias e derrotas e até mesmo de questões concernentes à afetividade.

No mesmo artigo, Coakley ainda demonstra que tal processo de desinteresse apresenta chances muito menores de ocorrer entre jovens de baixa renda, dado que estes têm no esporte uma das únicas fontes de oportunidades de desenvolvimento – “simplesmente porque o acesso a outras oportunidades é relativamente limitado”. A desistência, portanto, é reflexo da visão do esporte como “problemático em termos de expectativas realísticas de experiências, oportunidades e identidades diferentes”.

A questão da dificuldade de conciliar estudos e treinamento também foi apontada por Bara Filho et al. (2008) em suas entrevistas com ex-atletas de ginástica. Percebe-se nessa questão uma possível associação entre a falta de incentivo financeiro e perspectiva de ter o próprio esporte como possibilidade profissional.

6.1.8 Rendimento abaixo das próprias expectativas

As ginastas de alto rendimento normalmente possuem um objetivo de buscar a excelência em seus treinamentos, porém, quando percebem que não estão conseguindo atingir seus objetivos, existe uma tendência de desmotivação e cria-se uma falta de perspectiva quanto ao seu futuro no esporte. Dependendo do objetivo da ginasta, de seus pais e do nível de desilusão, pode ocorrer a desistência da GA,

como já observaram Hanlon (2004) e Ducati (2008), dado que trata-se de um esporte que valoriza o resultado individual primordialmente.

A frase “não ser tão boa quanto eu esperava”, foi citada como um fator importante para decidir no momento de dúvida em seguir ou não nos treinamentos.

Este fator normalmente não vem isolado para definir a interrupção dos treinamentos, mas parece colaborar em muito nas decisões da ginasta. Coakley (1992a), em sua pesquisa, também ressaltou que “a ameaça do fracasso torna-se imediata, já que a melhora no nível de dificuldade dos exercícios era sempre acompanhada pelo aumento das expectativas e pela formação de novos padrões, cada vez mais difíceis de atingir”.

Com relação a esse mesmo fator, Appleton, Hall e Hill (2009) concluíram em sua pesquisa que, quando o autovalor atribuído pelo jovem está atrelado somente à realização esportiva, torna-se mais difícil manter a motivação e a própria expectativa.

6.1.9 Muito estresse

O somatório de vários fatores como: carga exaustiva de treinamento, pressão psicológica de técnicos e pais, falta de perspectiva de evolução, medo de realizar exercícios, dores corporais entre outros fatores geram uma carga emocional negativa. O acúmulo de carga emocional negativa parece conduzir a um estresse que, muitas vezes, levam à desistência das ginastas de tal forma que as mesmas não têm um motivo especial para desistência, mas sim a vontade de afastar-se do que lhe está prejudicando emocionalmente.

Também de acordo com as entrevistas feitas por Coakley (1992a), diante do estresse emocional da cobrança e da pressão social em torno do reforço da individualidade do jovem atleta, este acaba sentindo-se mais inseguro, o que afeta seu desempenho no esporte e cria um círculo vicioso: cada vez menos ele rende e, portanto, mais insegurança é gerada. Ocorre, então, em consequência desse esgotamento, a associação da atividade esportiva, antes prazerosa e geradora de identidade ao estresse físico e emocional meramente limitador de outras formas de afirmar a própria identidade para um jovem.

Segundo os resultados de Cruz (1996), a pressão competitiva, a pressão dos pais, a pressão do tempo e a vontade de ter uma vida social para além do esporte foram os principais motivos de abandono da modalidade. O esgotamento é

acentuado pelas variáveis de personalidade, tais como o perfeccionismo e a necessidade de uma organização externa.

Já Smith (1986), citado por Samulski (2002), vê o *burnout* como um afastamento psicológico, emocional e físico de uma atividade agradável anteriormente em função de estresse permanente ou de insatisfação aliada ao esgotamento físico e emocional, ao sentimento de baixa realização pessoal, baixa autoestima, despersonalização e desvalorização. Diversos autores confirmam ainda que o *burnout* é mais freqüente em atletas de esportes individuais, por terem a competitividade acentuada, do que nos de esportes coletivos, mesmo os de grande exigência física e psicológica, devido à natureza repetitiva e monótona do treino e ao menor suporte social dos companheiros de equipe (Weinberg & Gould, 2001). Através do Modelo da Permuta Social, o autor afirma que quando o atleta abandona sua modalidade em virtude de interesses por outras atividades sociais ou por outro esporte, tal abandono não se trata de efeito do *burnout*. Já no caso da síndrome em questão, ocorre elevação do estresse proveniente dos treinos e competições. Assim, como as recompensas (satisfação, alcance de metas, prestígio social, ganhos financeiros) proporcionadas pelo esporte permanecem no mesmo patamar, o atleta comumente faz a opção pela interrupção da carreira esportiva competitiva (SMITH, 1986).

Portanto, como conclui Pires et al. (2005), a síndrome do *burnout* deve ser ainda mais estudada, pois seu combate seria sinônimo não só da manutenção de atletas com potencial na prática do esporte como de melhoria da qualidade de vida de técnicos e esportistas.

6.1.10 Falta de apoio financeiro

A falta de verba para manter o treinamento diário e para viajar para campeonatos e treinamentos foi uma constante reclamação dos entrevistados. Este fator parece não afetar diretamente a motivação das ginastas, mas a dos responsáveis sim. Os pais relataram que à medida que vão investindo financeiramente nas filhas, começam a exigir resultados e, quando esses não acontecem, tendem a incentivar suas filhas a fazerem outras atividades.

Esse pensamento entra em consonância com os resultados encontrados por Coakley e White (1992a), segundo os quais as limitações e a falta de recompensas

financeiras associadas ao aumento da responsabilidade e à busca do primeiro emprego característicos do período de transição à fase adulta induzem o atleta a estabelecer outras prioridades em detrimento do esporte.

Para Lopes (2007), o período de finalizar a carreira parece estar relacionado com o início da vida adulta, quando surge a necessidade de auto-sustento e o conseqüente momento de optar por uma profissão, assim como pelos caminhos que percorrerão até ela. Para algumas ginastas, a idade em que ingressarão na universidade corresponde à necessidade de parar de treinar, enquanto para outras, que são a minoria, a ginástica as levará para a profissão almejada.

6.1.11 Excesso de dedicação e investimento dos pais

Houve relato de pais em que o fato de ter de levar e buscar sua filha na ginástica prejudicava seus afazeres do dia a dia, sendo um fator que leva alguns pais a trocarem a atividade de suas filhas de modo a não prejudicar sua rotina. A exigência de treinar muito e muitas vezes até duas vezes por dia, acabam por deixar os pais limitados em seus compromissos. Não é o principal fator, mas, em conjunto com outros pequenos problemas, certamente influencia na decisão de abandonar a ginástica, como observa-se neste relato sobre os motivos do abandono a GA:

Eu acho que não é um motivo, são vários fatores que se somam. No início é tudo uma novidade para os pais e para o filho e à medida que o atleta evolui e complica a vida dela, porque o treinamento começa a ser mais exigente, mais tempo, é ... também complica a vida dos pais. Um dos fatores, talvez não seja o principal, mas este é um dos fatores. O pai deixa de fazer algumas coisas pra poder levar, trazer a filha, ver o treino que nem eu fazia, então tu deixa de fazer algumas coisas pra vê teu filho. (Responsável 3)

Este trecho de uma entrevista demonstra que muitas vezes os pais sentem-se como se tivessem deixando de fazer algumas coisas que poderiam ser de um proveito melhor para eles próprios.

6.1.12 Falta de estrutura das entidades que oferecem o treinamento de GA

A falta de preparação para lidar com as necessidades da GA de alto rendimento por parte das entidades que têm este trabalho foi o fator mais citado pelos entrevistados, principalmente pelos responsáveis das ex-ginastas. A ausência

de profissionais especializados para colaborar com os técnicos da GA foi colocada como um grande problema em relação à falta de estrutura (ausência de psicólogo, nutricionista, preparador físico, acompanhamento médico exclusivo). Comentário realizado sobre este problema diagnosticado:

[...] e eu só acho assim que o próprio clube deveria investir um pouco mais em relação aos atletas, se preocupar um pouquinho mais em relação ao estado emocional do atleta, participar um pouco mais nesse sentido né, e tentar melhorar essa temática de trabalho deles... (Responsável 8)

A falta de condições materiais e a falta de verba também foram fortemente citadas por responsáveis que vivenciaram anos neste meio, por exemplo:

Acho que teve um tempo que eu achei que a ginástica poderia vir a ser mais valorizada pelo contexto Brasil, parece que o Brasil é igual a futebol e deu. Depois eu vi que a coisa foi piorando. Os clubes no RS foram deixando a ginástica né, e cada vez em vez de melhorar foi piorando, piorando, conseguia umas coisas, não conseguia outras, numa dificuldade muito grande né, em todos os sentidos, tanto técnicos como uma simples viagem né, então, a gente cobra muito das filhas, aí foi o momento que eu deixei de apoiar e de insistir, porque eu vi que aí a gente tem que pensar no futuro né. (Responsável 10)

Tricoli e Serrão (2005) citam a necessidade de compor uma equipe multidisciplinar integrada que ofereça suporte aos diversos aspectos que influenciam no rendimento esportivo, como, por exemplo, fatores psicológicos, fisiológicos, biomecânicos, nutricionais, pedagógicos e, também, a inter-relação entre eles para que a atleta seja plenamente amparada. Infelizmente, em nosso país, essa realidade praticamente inexistente.

Assim, analisando a situação colocada pelos entrevistados sobre os clubes do RS, observou-se uma falta de incentivo por órgãos governamentais que deveriam apoiar e dar um suporte mais substancial para que os dirigentes de clube tivessem reais condições de manter o alto rendimento. Muitas vezes, os próprios dirigentes sentem-se incapazes de solucionar os problemas e as necessidades das equipes de GA, desencadeando com isso um problema que começa na administração e acaba afetando as ginastas.

6.1.13 Medo de realizar exercícios

Este fator citado aparece exatamente na fase da ginástica que coincide com a necessidade de a ginasta aprender exercícios mais difíceis e perigosos, quando já se dão conta do que estão fazendo e percebem o risco de se machucarem naquilo que estão aprendendo. A junção desses dois fatos parece desencadear um grande medo em algumas ginastas.

Assim, esse fator é de suma importância para a carreira de um atleta de GA, como bem aponta Duarte (2008), citando as pesquisas de Cartoni, Minganti e Zelli (2005) e Nunomura (1998) em um trabalho de estudos exclusivamente dedicados ao tema. Os autores lembram que, se a ginasta não for capaz de aprender a dominar seus medos e não adquirir autoconfiança, o sentimento de medo pode levá-la até mesmo ao bloqueio completo para o aprendizado de novos exercícios, impedindo o seu avanço na carreira esportiva.

Muitas vezes, este medo é superado e minimiza-se o problema, mas, quando persiste, torna-se um fator negativo a mais a ser vencido. Inevitavelmente, o somatório de pequenos problemas do dia a dia da ginasta pode colaborar no futuro para a desistência da prática do esporte. Este fator também está vinculado com as condições materiais propiciadas pelo local de treinamento e a segurança associada ao treinador, ou seja, quanto melhores as condições de equipamentos e mais seguro o atleta, menor será este problema.

6.1.14 Excesso de peso corporal

A cobrança exercida sobre as ginastas no período em que as mesmas estão iniciando a adolescência pode tornar a convivência entre técnicos e ginastas muito difícil, sendo mais um aspecto negativo que pode gerar estresse nas ginastas.

A necessidade de manter-se leve com baixo índice de gordura corporal faz com que muitos técnicos exagerem no nível de cobrança, o que pode reverter algumas vezes no aumento do problema. Nessa fase, entre 12 e 13 anos de idade, muitas ginastas aumentam sua massa corporal devido ao aumento da produção de hormônios femininos. Esse de peso pode gerar um retardamento na evolução da ginasta o que, algumas vezes, é mal compreendido por técnicos e, às vezes, também pela própria ginasta.

6.2 FATORES POSITIVOS DO DESENVOLVIMENTO NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DAS GINASTAS

A seguir, apresenta-se uma figura com os resultados sobre os fatores positivos do desenvolvimento no processo de formação das ginastas.

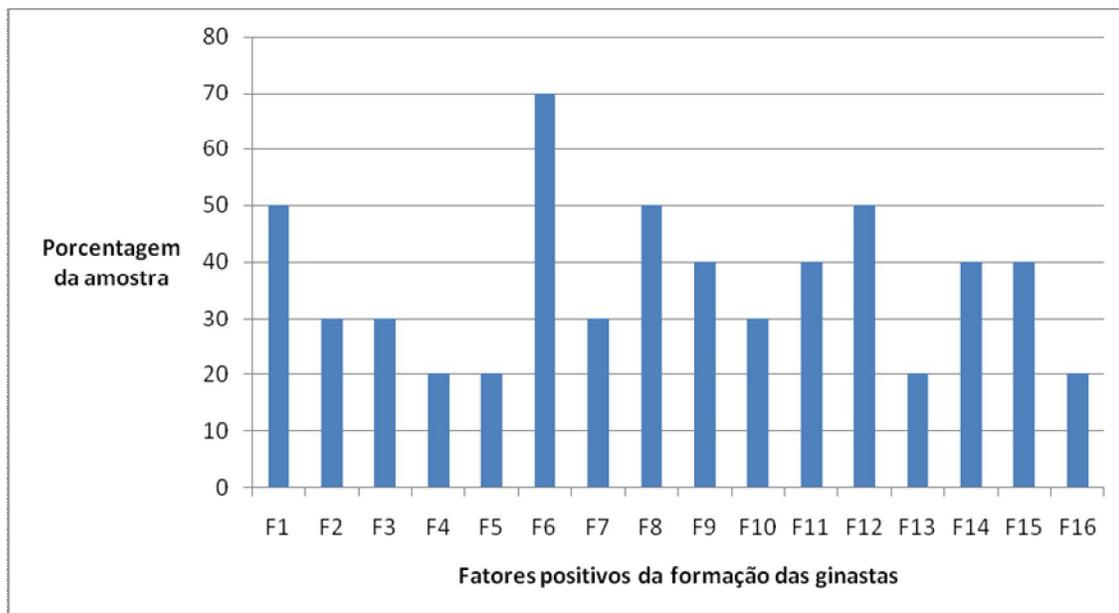


Figura 2 – Fatores positivos no processo de formação das ginastas.

F 1 – Fazer amizades; F 2 – Conhecer outros lugares; F 3 – Ficar com o corpo bonito; F 4 – Desenvolver a agilidade física; F 5 – Desenvolver a coragem; F 6 – Tornar-se disciplinada; F 7 – Desenvolver a objetividade e organização mental; F 8 – Desenvolver a superação; F 9 – Suportar melhor as dores corporais; F 10 – Aprender a relacionar-se com todos os níveis sociais; F 11 – Conviver num ambiente saudável; F 12 – Aprender exercícios; F 13 – Tornar-se forte fisicamente; F 14 – Desenvolvimento da autoconfiança; F 15 – Tornar-se perfeccionista; F 16 – Aprender a controlar os pensamentos.

6.2.1 Amizades

A amizade foi citada pelas ex-ginastas como item muito importante durante a época de treinamento, como modo de suportar a carga de treinamento. Mesmo após abandonar a prática, muitas dessas amizades ainda perduram. Como a duração diária dos treinamentos é longa, as ginastas acabam por conviver mais tempo entre elas que com a própria família, formando-se grandes amizades.

Dessa maneira, o círculo de amizade que se desenvolve no convívio diário entre os atletas também tem influência sobre a permanência no esporte, atuando como motivação externa e até mesmo como fonte de diversão em grupo para

ginastas infantis. Como afirma Lopes (2007), as ginastas, em especial, passam mais horas no ginásio do que em casa ou na escola, e numa fase da vida em que se cultivam as amizades, portanto, o vínculo afetivo entre elas se torna ainda mais forte.

6.2.2 Conhecer outros lugares

As competições e intercâmbios de treinamento proporcionam viagens para as meninas que, provavelmente, não fariam se não praticassem GA. Esse reconhecimento pela oportunidade de conhecer muitos lugares foi citado como um ponto muito positivo. As atletas que vêm de uma classe social mais baixa têm a oportunidade de viajar e conhecer outras realidades, e as atletas mais abonadas têm a oportunidade de ter uma experiência de vida conhecendo outros lugares sem estar com a família. A citação de um responsável demonstra bem o que foi colocado:

O esporte traz uma coisa que a gente não consegue só nós em casa, não conseguimos. Esta convivência com outras pessoas, com grupo, como viajar, conhecer lugares, a gente como pai e mãe, mesmo que a gente tenha todas as condições financeiras, a gente não consegue dar isto pra eles. (Responsável 5)

O fato de viajar em grupo pode colaborar com o senso de solidariedade entre as ginastas que têm a necessidade de dividir algumas coisas, fortalecendo bons valores. Este quesito foi colocado por responsáveis que tem filha única.

6.2.3 Corpo bonito

Ficar mais bonita de corpo foi considerado como um fato positivo, porém de pouca importância perante os entrevistados. Somente as ex-ginastas citaram que o treinamento ajuda deixar o corpo mais bonito. Para os pais, este fato foi insignificante.

6.2.4 Agilidade física

As ex-ginastas que hoje praticam alguma atividade física fizeram uma ótima avaliação do seu potencial de agilidade desenvolvido pela GA. Citaram que o fato de ter trabalhado muito a sua agilidade na época em que treinavam, criou uma espécie de reserva de força e velocidade que ainda hoje colabora nas atividades executadas. É importante salientar que todas as entrevistadas desistiram da GA nos últimos 10 anos, o que torna mais recente o abandono ao esporte e, conseqüentemente, os benefícios do esporte são mais evidentes. É natural que ex-ginastas que tenham abandonado há mais tempo sintam menos este benefício.

Lopes (2007) cita a afirmação de que a sensação de domínio sobre o corpo aguça o potencial, desafia a tentar outras acrobacias e proporciona prazer (NISTA-PICCOLO, 1998). A autora ainda lembra que "a ginástica encanta a quem assiste e apaixona a quem pratica", o que explica a dedicação das pessoas envolvidas nesta modalidade.

6.2.5 Coragem

Algumas ex-ginastas citaram que a coragem que desenvolveram quando treinavam GA as ajuda até hoje a enfrentar situações de risco. O fato de a GA apresentar exercícios com alto grau de dificuldade, e que em caso de falha em sua execução pode acarretar sérias lesões, colaboraram no desenvolvimento da coragem.

6.2.6 Disciplina

Este foi o fator mais citado pelos entrevistados com uma ampla vantagem sobre os outros. As ex-ginastas, que hoje ainda são adolescentes ou já adultas, citaram que a disciplina que desenvolveram com os treinamentos de GA foi transportada para as atividades exercidas hoje, independentemente da profissão ou da atividade exercida.

Os pais destas ex-ginastas colocaram que esta disciplina provavelmente elas levarão para toda a vida. Foi unânime o fato de não ter tido nenhum problema

disciplinar com as mesmas depois de elas terem abandonado o esporte. Parece que a disciplina adquirida na GA é incorporada para a vida como um todo.

6.2.7 Objetividade e organização

As ex-ginastas entrevistadas citaram haver uma facilidade em pré determinar objetivos na suas vidas e sentem-se organizadas perante suas tarefas do dia a dia. Corroborando o que as ex-ginastas colocaram, os pais citaram que a GA ajudou suas filhas a serem mais objetivas, sendo mais determinadas para realizarem algumas tarefas que os outros filhos que não praticaram GA. São mais decididas em determinados momentos, e suas metas quase sempre são mais definidas que as dos outros.

A organização mental também foi salientada pelos pais que citaram uma facilidade no aprendizado escolar. O raciocínio mais organizado e o aprendizado mais rápido foram creditados ao desenvolvimento do raciocínio necessário para a aprendizagem de exercícios de alto grau de dificuldade da GA.

Parece haver uma satisfação dos pais em relação ao bom desempenho escolar dos filhos no pós-GA e, em parte, foi colocado que o desenvolvimento “do pensar” na GA ajudou muito no rendimento escolar.

6.2.8 Superação

Esta qualidade parece ser importante e imprescindível para qualquer esporte de alto rendimento. Mas, especificamente na GA, torna-se mais evidente pelo fato de o treinamento exigir muito quando as ginastas ainda são muito jovens. O fato de estar sempre tentando algo a mais e melhorar suas marcas tende a ensinar desde cedo para essas jovens que a superação faz parte da vida de alguém que quer ser bem-sucedido naquilo que faz. Essa colocação também foi feita por Appleton, Hall e Hill (2009) com base na observação de entrevistas por ele feitas a ex-atletas, como veremos a seguir relacionado ao perfeccionismo. Também em Lopes (2007) encontramos o mesmo resultado nas entrevistas com atletas por ela realizadas.

As ex-ginastas afirmaram que quem suporta um treinamento exaustivo de GA com todos seus percalços e dificuldades aprende a se superar. Qualquer tarefa apresentada no cotidiano para quem já teve a experiência de treinar no alto

rendimento de GA torna-se mais fácil. Houve relatos de ex-ginastas que mesmo depois de desistirem da GA continuam procurando desafios e testando seus limites, como neste relato:

[...] estou sempre testando os meus limites assim, eu adoro quando eu tenho um desafio, sabe, pra ver até onde eu posso ir e que eu vou conseguir, até assim, coisas banais do dia a dia, por exemplo: eu tô andando de bicicleta com meu namorado e eu tô cansada já e ele tá lá na frente, eu vou lá atrás correndo atrás dele, tipo assim, coisas que eu tinha na ginástica, eu tinha isto de ficar superando meus limites, eu até hoje eu tenho isso, sabe? (Ginasta 4)

6.2.9 Suportar as dores corporais

As dores corporais que as ginastas sentem quando treinam perto de seu limite são freqüentes, e acabam fazendo parte do dia a dia de quem tem uma alta carga de treinamento. E um ponto positivo é que as ginastas aprendem a suportar pequenas dores, o que de certa forma as tornam pessoas mais resistentes a esses problemas.

6.2.10 Relação com diferentes níveis sociais

Ginastas de diferentes níveis sociais, quando estão dentro de um ginásio em treinamento, passam a ser todas iguais, independente da classe social. Este fator foi citado por alguns entrevistados como um fator que ajudou a conviver em grupo em ambientes diversificados socialmente, colaborando na relação com todos os tipos de pessoas.

6.2.11 Ambiente saudável

O ambiente saudável é muito valorizado pelos pais que citaram como uma forma de não desviar de uma boa educação. O ambiente propicia o convívio com pessoas de bem e com objetivos saudáveis. Para as ginastas, o ambiente significa o convívio com as amigas; para os pais, significa não estarem correndo o risco de más influências.

6.2.12 Aprendizado de exercícios

Algumas ex-ginastas colocaram a importância da satisfação momentânea de aprender um exercício. A felicidade interior atingida durante a aprendizagem motiva a sempre estar em busca de aprender mais, qualquer que seja o objeto de aprendizagem, pelo simples fato de ter tido a experiência e a felicidade de aprender algo. Isso se leva para a vida como um todo. Essa busca pela melhora apresenta-se nesta citação:

[...] tu procura sempre fazer algo mais, tu quer ter feito o melhor, né, então na sua vida tu vai levar isso, tu vai querer sempre ser o melhor, tu vai querer sempre fazer da melhor forma possível... (Ginasta 7)

Alguns pais observaram em suas filhas que, mesmo após o abandono da GA, a busca pela aprendizagem e pela perfeição continuaram em outras atividades, o que demonstra uma constante busca pela melhora.

6.2.13 Força física

A força muscular adquirida pelas ginastas mantém as adolescentes ou as jovens que desistiram da GA ainda muito acima da média neste quesito. Algumas ex-ginastas relataram que quando vão fazer qualquer atividade que use o corpo, elas sentem-se muito mais fortes que as outras que não praticaram o esporte. Parece haver um tempo após o encerramento dos treinos em que a força muscular, mesmo diminuindo em relação à época em que treinavam, continua superior à média normal, embora ocorra uma tendência a diminuir com o passar do tempo.

6.2.14 Autoconfiança

As atletas passam por vários tipos de experiências positivas e negativas durante a carreira de ginasta e aprendem a lidar tanto com boas quanto más experiências. Essa vivência foi colocada pelos pais como fator responsável pelo desenvolvimento da autoconfiança. À medida que a atleta aprende a superar as dificuldades e lida de forma saudável com os fatos positivos, a sua autoconfiança tende a aumentar. A sensação de “eu consigo agüentar qualquer coisa” cria uma

expectativa de autoconfiança perante as situações do cotidiano. De maneira entusiástica um pai declarou que isto será uma contribuição para toda vida da sua filha:

Desde o aprendizado, a oportunidade né, o conhecimento e autoconfiança e a determinação que isto realmente deixou. E tá deixando, e vai deixar sempre na vida dela. (Responsável 2)

As próprias viagens, sem o acompanhamento dos pais, criam desde cedo um amadurecimento, aprendendo a fazer tudo sem depender dos pais.

6.2.15 Perfeccionista

A busca incessante pela melhora e perfeição dos exercícios durante uma seção de treino foi citada pelos entrevistados como o fator determinante para que muitas ex-ginastas se tornassem perfeccionistas em outras atividades. Esta qualidade, quando demasiada, passa a ser um problema como o excesso de cobrança de si mesmo, como vemos no relato desta atleta:

[...] eu tive um aspecto negativo que eu era muito exigente comigo mesma e me prejudicava várias vezes. (Ginasta 10)

O perfeccionismo de forma controlada é muito bom, no entanto, algumas ginastas não conseguem se controlar e entram em desespero pelo fato de não conseguirem executar as atividades propostas de forma perfeita. Essa constatação também foi feita por Appleton, Hall e Hill (2009), em cujo estudo podemos ver a divisão da demanda de perfeição em social e individualmente estimulada, sendo esta última (apesar de não consensualmente devido a sua interação com outros fatores de ordem psicológica e ambiental) considerada uma característica positiva por dar ao atleta um “senso de controle pessoal sobre os resultados de suas realizações”, aumentando assim as chances de experiência do sucesso, já que nesse caso ele é definido pessoalmente, tendendo ao ajuste de uma maneira mais proativa.

6.2.16 Controle dos pensamentos

O controle dos pensamentos que nos referimos é em relação à capacidade de se concentrar em algo que desejamos. Este fator está vinculado com o aprendizado escolar citado anteriormente, pois a atenção e a concentração necessárias na escola também são desenvolvidas na GA. Alguns entrevistados colocaram que ex-ginastas de alto rendimento conseguem aprender algumas tarefas escolares com menos tempo devido à alta capacidade de concentração.

O alto grau de complexidade dos exercícios realizados na GA faz com que a concentração torne-se necessária para que as tarefas sejam bem-sucedidas. Um detalhe que não esteja bem definido no pensamento da executante do exercício pode acarretar sérios danos à saúde da ginasta.

Além disso, esse resultado corrobora com os de Cruz (1996), segundo os quais os indivíduos que não apresentavam esgotamento distinguiam-se dos que estavam em esgotamento por desenvolverem a capacidade de formular estratégias de confronto (reestruturação cognitiva e planejamento) através do próprio esporte.

6.3 FATORES NEGATIVOS DO DESENVOLVIMENTO NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DAS GINASTAS

Os fatores negativos do desenvolvimento no processo de formação das ginastas são alguns já relatados anteriormente como fatores que influenciaram na desistência da prática da GA. Dois desses fatores não são considerados negativos no processo de formação das ginastas como as novas opções de afazeres e interesses e um treinamento muito forte. Entretanto, esses motivos colaboraram para a desistência da prática da GA.

A similaridade dos fatores negativos do desenvolvimento no processo de formação das ginastas com os motivos que conduzem à decisão de desistir da GA nos leva a buscar soluções para corrigir falhas existentes detectadas neste estudo desde o início do processo de treinamento de uma ginasta.

6.4 RELAÇÃO DO TIPO DE TREINAMENTO APLICADO ÀS GINASTAS EM FORMAÇÃO COM OS RESULTADOS OBTIDOS NA CARREIRA

Neste quesito houve duas fases distintas de treinamento no RS. A fase do final dos anos 1990 e início dos anos 2000, e a fase mais recente que foram as ginastas que treinaram do meio daquele período até o momento.

As ex-ginastas que desistiram há mais tempo afirmaram considerar, na época em que treinavam, que eram submetidas a uma grande carga de treinamento. Mas, hoje, vendo a realidade das ginastas atuais, percebem que treinavam menos que o necessário para atingir o alto rendimento e que, se tivessem treinado mais, poderiam ter alcançado melhores resultados.

As ex-ginastas que desistiram recentemente passaram por outra realidade perante a carga de treinamento. Nos últimos anos, as ginastas que treinaram no RS foram submetidas ao aumento da carga de treinamento. Esse fator propiciou para as ginastas mais talentosas a possibilidade de alcançar melhores resultados. Teve casos de ex-ginastas entrevistadas que consideraram ótimo seu resultado, porém com um treinamento muito exaustivo. Por outro lado, teve ginastas menos talentosas que também foram submetidas a uma grande carga de treinamento e não obtiveram bons resultados, criando uma frustração devido à desproporcionalidade da quantidade de dedicação com os resultados obtidos. Isso pode ser observado no seguinte relato:

[...] a carga horária era muito maior que meus resultados, porque eu fazia tudo que me pediam, mas foi deixado claro que a tal e a tal eram melhor do que eu, e eu seria a terceira ou a quarta. E fui treinada para ser, pra completar a equipe e ser a terceira ou a quarta. Então a carga horária foi absurda pro resultado que eu dei. (Ginasta 5)

Este tipo de relato coloca em discussão a validade de submeter ao treinamento rigoroso atletas reconhecidamente sem talento para a prática do mesmo, somente com o objetivo de ajudar as colegas. Este fato pode desencadear uma grande frustração perante os resultados. Quando se treina pouco é sabidamente conhecido que dificilmente virão bons resultados, gerando uma baixa expectativa, porém quando a carga de treinamento é alta a tendência é da expectativa também ser alta.

Das ginastas entrevistadas, 60% demonstraram-se satisfeitas com seus resultados em relação ao tipo de treinamento ao qual foram submetidas. Relataram que os resultados que obtiveram durante sua carreira foi compatível com a carga de treino à qual foram submetidas. Os outros 40% das entrevistadas colocou que o treinamento foi demasiado em relação aos títulos e objetivos alcançados. Esses resultados vão ao encontro daqueles obtidos por outras pesquisas semelhantes (BARA FILHO & GUILLÉN GARCIA, 2008).

6.5 TRABALHO PSICOLÓGICO COM AS GINASTAS

Os entrevistados se dividiram em três categorias:

- a) não teve trabalho psicológico;
- b) teve trabalho psicológico com resultados positivos e com resultados negativos;
- c) teve um pouco de trabalho psicológico com resultados positivos e com resultados deficientes.

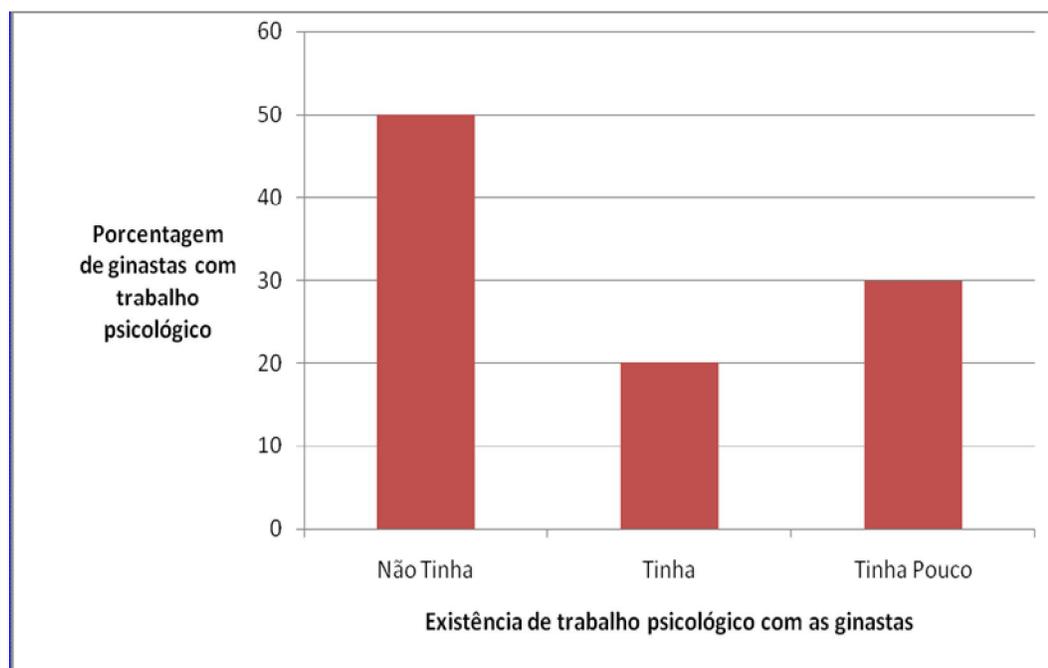


Figura 3 – Trabalho psicológico com as ginastas.

Metade dos entrevistados relatou não haver trabalho psicológico nenhum. Isso demonstrou um despreparo das entidades que trabalham com o alto rendimento.

Apenas 20% colocaram haver um trabalho psicológico junto às atletas. Porém, esses entrevistados falaram não concordar com o tipo de trabalho realizado, servindo mais para criar intrigas e desconfianças entre as ginastas e os técnicos. Foi citada uma falta de habilidade entre toda comissão técnica em lidar com os problemas psicológicos das ginastas. Ao invés de solucionar problemas, criavam-se outros. Como vemos neste trecho:

Na época tinha uma psicóloga, ela era péssima, ela fazia um papel de ouvinte e transmissora porque elas falavam tudo pra psicóloga na certeza, na confiança, entendeu, os medos, e ela colocava pra equipe de treinadores do clube e era uma coisa assim, que se tornava uma coisa pejorativa. Eles (os técnicos) usavam isto, para saber o que elas faziam, sabe. Parecia assim fofoca, vamos arrumar alguém pra contar uma fofoca. E invés de usarem isto pra uma técnica, nós vamos por este lado aqui, que nós vamos conseguir atingir elas que pra elas não ter essas necessidades (ruins). Eles faziam tudo pejorativo, eles diziam tu sai daqui tu come bolacha recheada, tu sai dali, tu vai fazer...tu vai ali sabe, me xinga por trás, sabe, era uma coisa muito pejorativa, perde a confiança, perde a confiança na profissional e fica com mais receio ainda dos treinadores. (Responsável 9)

Em relação aos entrevistados que colocaram que havia um pouco de trabalho psicológico, foi citado o técnico das ginastas como alguém preocupado com o lado psicológico das atletas que em alguns momentos conversava com as ginastas e tentava ajudar no que era possível, mas sempre de uma forma mais amadora, como vemos nesta colocação:

Eu acho que o técnico fez algum tipo de trabalho, mas eu acho que deveria ter uma equipe especial com médico e psicólogo para trabalhar com os atletas. (Responsável 6)

Neste quesito, quando os técnicos tentavam executar este tipo de trabalho junto às atletas, esbarrava em dois problemas: a) a falta de conhecimento para colaborar de maneira realmente profissional com suas ginastas; b) transpor a barreira de técnico/atleta existente na relação, como citado neste depoimento em relação ao trabalho psicológico:

Tinha, o técnico conversava bastante, só que eu tinha meio que medo do técnico, achava eles um monstro de sete cabeças, tinha medo de falar e

acabava não falando, e isto prejudicava e aí não tinha esse treinamento psicológico. Depois de mais velha melhorou, eu comecei a me abrir mais, mas sempre com um pé atrás. (Ginasta 2)

A maioria dos entrevistados afirmou não ter havido trabalho psicológico algum. Os pais dessas atletas tiveram duas opções perante este problema: ou buscar ajuda fora ou não fazer nada. Alguns pais foram buscar ajuda psicológica fora do meio da ginástica como uma forma de amparar o lado psicológico de sua filha, sendo que não souberam relatar se houve benefícios com essa busca.

Para muitos, é uma função da entidade conseguir um psicólogo, e buscar fora não ajudaria por existir uma falta de conhecimento do profissional por não conhecer a realidade do meio em que são vividos os problemas. Para muitos, só haveria uma efetividade no trabalho psicológico se esse profissional conhecesse a fundo a realidade do meio do treinamento do alto rendimento da GA, o que já foi afirmado por Weinberg e Gould (2001). O maior problema, como aponta Duarte (2008), é que há pouca literatura sobre o acompanhamento psicológico apropriado deste esporte, principalmente no que tange o medo e a ansiedade característicos da Ginástica Artística.

Na verdade ela não teve nenhum trabalho psicológico, mas eu acho que depois quando questionada se ela queria uma psicóloga ela disse que não queria uma psicóloga porque ninguém iria conseguir ajudar. Então acho que teria que ser uma pessoa muito que convivesse com aquela situação para entender que realmente se passava né. E o que se passava ali dentro de um treinamento de alto rendimento, que é muito diferente do que escolinha e de outros esportes também. (Responsável 10)

Como se pode observar, a falta de um trabalho psicológico profissional adequado foi inquestionavelmente um problema real na vida dessas jovens ginastas. Esse resultado vai ao encontro da colocação de Tsukamoto (2003) como a iniciação na modalidade ocorre com idade tenra, o estresse ao qual a criança é submetida pode comprometer seu desenvolvimento, tanto psicológico quanto social. Isto porque o tempo de dedicação à modalidade é muito grande para aquelas que querem chegar ao topo. As atletas devem estar preparadas para suportar o estresse psicológico, tanto dos treinamentos quanto das competições, para que elas consigam levar adiante sua carreira, diminuindo assim os riscos de abandono da prática.

6.6 RELAÇÃO DA INICIAÇÃO PRECOCE COM A FORMAÇÃO DAS GINASTAS

Dos entrevistados, 90% afirmaram que os treinamentos começaram na idade correta, ou seja, cedo. Colocaram que neste esporte o êxito depende de uma iniciação precoce e bem-executada, sendo fundamental ter iniciado cedo para vivenciar todas as etapas necessárias para que os objetivos sejam alcançados, como vemos neste relato:

[...] eu acho que com a idade que eu comecei é a idade mais certa pra começar, se eu tivesse começado antes não ia ter problema nenhum, mas se começasse com 7 ou 8 anos já não ia conseguir ter os resultados como eu tive. (Ginasta 6)

Uma das ex-ginastas entrevistadas começou com 9 anos de idade, e uma de suas reclamações é não ter iniciado antes. Relatou que algumas fases da sua carreira se tornaram “apressadas”, o que naturalmente pode causar alguns prejuízos técnicos no aprendizado. Esta afirmação faz sentido, pois, quando há um tempo maior para o aprendizado, pode-se trabalhar mais calmamente, passo a passo. Porém, o excesso de carga precoce, pode reverter negativamente no trabalho das jovens ginastas, transformando um tempo maior para o aprendizado em um período sobrecarregado e negativo para as atletas, podendo gerar um sentimento de “repugnância” para com a GA como colocado anteriormente por Tsukamoto (2003). Como lembra Ducati (2008) ao citar Oliveira e Paes (2002), a especialização precoce deve respeitar alguns critérios cada vez mais científicos, uma proposta pedagógica com características da faixa etária de modo que não leve a um abandono da prática esportiva.

Outro fator a ser discutido é a questão de a iniciação precoce influenciar na desistência precoce do esporte. Nesta pesquisa, a mesma porcentagem que achou ter iniciado na idade correta relatou que o começar cedo por si só não prejudica em nada. Sendo citado na decisão de abandonar a GA os outros 14 fatores já relatados no estudo como, por exemplo: uma forte pressão psicológica dos técnicos e pais em busca de resultados, lesões, entre outros.

O depoimento de uma ex-ginasta é muito significativo neste sentido:

[...] eu poderia ter começado com qualquer idade que não ia mudar nada, pra chegar nos 12,13 anos, quando tu forma opiniões, e tu não pode se expressar de verdade, porque a partir dos 12 anos tu começa a dizer que

não é assim, e aí meu Deus, começam os problemas, e as perguntas, tu começa a perguntar pra ti mesmo que que eu tô fazendo aqui. (Ginasta 7)

Evidências demonstraram que alguns problemas surgiram no início da adolescência das ex-ginastas pesquisadas e que independeram da idade iniciada na ginástica. Nessa fase da vida das ginastas surgem questionamentos e outros afazeres que, confrontados, podem vir a ser um motivo de desistência. Parece que se há um bom trabalho técnico e psicológico em conjunto desde o início dos trabalhos com as ginastas, o nível de desistência pode diminuir consideravelmente.

Também foi relatado que o fato de uma ginasta desenvolver suas habilidades como flexibilidade, força, coordenação motora, agilidade, coragem, entre outros atributos, pode contribuir em uma perspectiva melhor de futuro dentro da própria GA o que pode vir a colaborar na manutenção da atleta por mais tempo.

Portanto, observou-se que é necessário tomar todos os cuidados possíveis quando se inicia o trabalho de alto rendimento desde cedo com as ginastas a fim de que não sejam cometidos alguns desses erros com as jovens atletas.

6.7 INFLUÊNCIAS DO NÍVEL SOCIOECONÔMICO NO DESENVOLVIMENTO DAS GINASTAS

A maioria dos entrevistados tinha uma boa condição financeira ou condição mediana. A menor parcela foi a das famílias das ex-ginastas com condição menos favorável financeiramente, conforme se observa no gráfico seguinte.

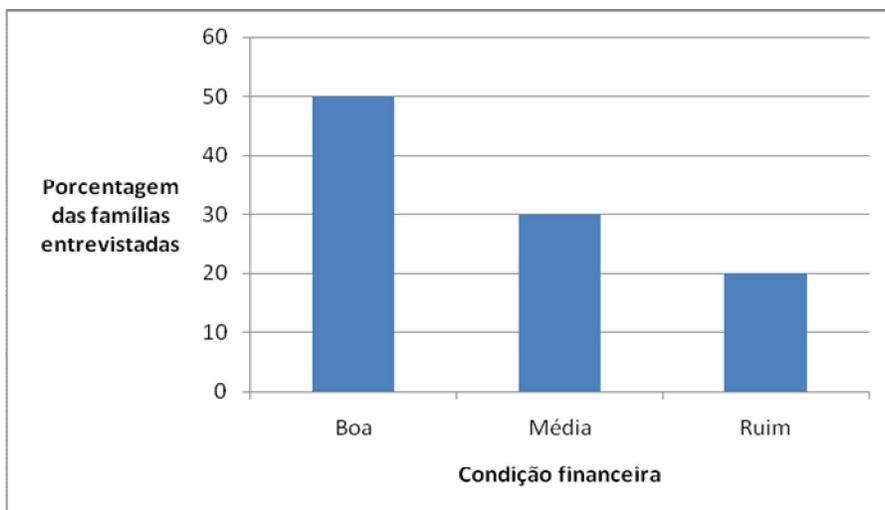


Figura 4 – Condição financeira familiar das ex-ginastas.

A baixa porcentagem de familiares com uma condição financeira ruim nesta pesquisa evidencia outro problema. As crianças muito pobres não conseguiram dar continuidade à prática da GA devido a dificuldades para conseguir dinheiro para as despesas de locomoção para irem aos treinamentos e por não conseguirem sequer atingir a idade desta pesquisa, que é a partir dos 12 anos de idade, pois antes mesmo ocorre a desistência devido à falta de condições mínimas para cumprir as exigências básicas de um treinamento. A prioridade das famílias, muitas vezes, é alimentar as crianças, ficando outros projetos como o esporte em segundo plano. A desestruturação familiar impede, de certa forma, a mobilização no sentido de propiciar uma oportunidade às crianças. De todos os entrevistados, a família tinha a figura do pai e da mãe juntos na mesma casa e citaram conhecidos com a situação referida acima.

Segundo o que foi relatado nas entrevistas, ficou evidenciado um apoio maior dos pais menos abonados para a prática do treinamento de alto rendimento às filhas devido a dois fatores principais: a) ocupar suas filhas com uma atividade saudável; b) possibilidade de melhorar de vida através do esporte.

A preocupação dos pais menos abonados com suas filhas é no sentido de colocar e manter as mesmas em um ambiente longe de riscos que são comuns na sociedade, como drogas e má companhia. Locais como periferias e vilas onde moram algumas dessas ex-ginastas sabidamente são mais suscetíveis a esse tipo de problema. Alguns pais afirmaram que a prática da GA proporcionou melhor encaminhamento para suas filhas.

A possibilidade de um futuro melhor através do esporte é um sonho de muitos pais. Como são pouquíssimas as ginastas no Brasil que conseguiram melhorar de vida através da GA, esta realidade, apesar de ser um dos pensamentos de muitos pais, dificilmente torna-se realidade. Três ingredientes são importantíssimos para que a ginasta tenha esta ótima perspectiva:

- a) a ginasta deve ser muito talentosa;
- b) treinar em um local que propicie o desenvolvimento de todo o seu potencial;
- c) ter dirigentes e empresários que invistam em sua carreira.

O relato de uma ex-ginasta com uma boa condição financeira demonstra a diferença no modo de pensar e agir quando se conhece a própria realidade e sua necessidade:

[...] a minha condição era uma condição muito boa porque eu tinha toda a estrutura que precisava ter, eu tinha uma família estruturada, eu tinha tudo que precisava na minha casa, isto ao mesmo tempo que é bom, também é ruim, porque realmente, quando tu é mais pobre tu tem uma necessidade muito maior daquilo dar resultado. É a garra, exatamente isto, se tu sabe que tu não precisa daquilo para viver tu tem uma outra estrutura, tu pode relaxar, tu não tem tanta garra como se tu precisasse. (Ginasta 4)

As famílias com melhores condições financeiras foram divididas em dois segmentos:

- a) boa condição financeira ajudou a manter a atleta na ginástica;
- b) boa condição financeira conduziu à desistência da prática da GA.

As famílias que colocaram sua boa condição financeira como forma de manter ginasta treinando, afirmaram que os seguintes aspectos ajudaram:

- a) poder levar e buscar de carro quando necessário, sem ter atrasos como se fosse de ônibus;
- b) ter uma alimentação correta;
- c) dar tranquilidade de não ter que se preocupar tanto com o futuro financeiro;
- d) sempre poder viajar para treinamentos e competições;
- e) ter assistência médica garantida quando necessário.

Por outro lado, as famílias mais abonadas que colocaram este fator como um facilitador para desistir da GA, citaram:

- a) muito dispêndio de tempo dos pais e das atletas para os treinamentos de GA, sendo que poderiam ser feitas várias outras atividades com o mesmo tempo gasto;
- b) facilidade em buscar outros afazeres e outras atividades pagas;
- c) investimento financeiro elevado para uma prática que traz muito desgaste físico e emocional;
- d) não ter a necessidade de depender da GA para conhecer outros lugares e de ter um futuro melhor.

Os fatores b e d também foram encontrados por Coakley (1992a), reforçando no caso a tendência maior da ocorrência de *burnout* nos atletas de renda mais alta.

São pontos de vistas diferentes, independente do fator financeiro. Os pais podem influenciar diretamente na motivação da sua filha de acordo com sua forma de pensar. Quando a família valoriza o esforço, a superação sem sentir-se incomodada a tendência é apoiar mais suas filhas nos momentos de crise. Por outro lado um pensamento como: “a minha filha não precisa passar por isto”, referindo-se ao desgaste de um treinamento de alto rendimento que de certa forma foi colocado por muitos dos entrevistados, leva a uma desmobilização e uma gradual desmotivação.

6.8 PAPEL DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DAS GINASTAS

Todas as ex-ginastas entrevistadas relataram ter um relacionamento bom com seus pais. Porém, alguns conflitos foram citados quando algumas delas quiseram desistir da GA. Pequenos desentendimentos ocorreram nessa fase devido ao fato de os pais insistirem para que suas filhas permanecessem treinando, como vemos no relato de uma ex-ginasta:

[...] eles sempre me apoiavam bastante, competições e tudo, mas negativo é que eles queriam muito que eu ficasse na ginástica e teve um momento que eu queria largar, e eles não queriam que eu largasse. Diziam: “não, não larga”, dava nos nervos porque eles, eles queriam muito, diziam: “tu tem que continuar, tu faz bem, tu faz legal”, eu chorava e dizia: “não quero mais fazer isto, eu tô cansada”. (Ginasta 3)

Porém, houve pais que tiveram a mesma atitude de insistir com sua filha e foram elogiados pelas mesmas por demonstrarem interesse e vontade em ajudar em um momento difícil. As jovens colocaram que as atitudes de seus pais foram exemplares e que elas fariam o mesmo.

Das ex-ginastas entrevistadas, 20% citaram como único problema na relação a insistência demasiada no momento em que elas não queriam mais praticar a GA, o que corrobora com os apontamentos de Uva (2005) e Lopes (2007). Mas 90% das ex-ginastas deixaram claro que seus pais sempre apoiaram em tudo o que era possível, tanto financeira como psicologicamente, colaborando no desenvolvimento de suas filhas.

Outro fator citado na relação entre pais e as ex-ginastas é a aproximação e a intimidade aflorada devido à necessidade de ajuda entre os familiares para superar momentos emocionais difíceis causadas pelo estresse do trabalho de alto rendimento da GA. Foi relatado por um pai a saudade da relação que tinha com sua filha na época em que ela treinava:

[...] a situação que tinha, ela era ainda mais calorosa que hoje, porque a gente convivia um dia a dia de expectativa e acompanhamento e o pai participa leva, busca, fica acompanhando um treino, então acho que realmente era uma relação mais próxima, os pais participam mais, vivem mais e com certeza é positivo. (Responsável 3)

Até os problemas da época contribuíam para uma relação mais íntima e afetuosa, criando uma cumplicidade na relação familiar citado por vários entrevistados. Problemas como dores, lesões, abatimentos emocionais causados por maus resultados, tudo isso era motivo para os pais tentarem incentivar e criar uma relação calorosa.

[...] os aspectos negativos que eu posso perceber em 9 anos de treino, são os momentos de dificuldade que ela como atleta enfrentava e as vezes pensava em desistir ou as vezes não tinha força suficiente para superar aquelas dificuldades e dificuldades estas que eram próprias do treinamento, próprias da preparação para um campeonato, era o sofrimento que o atleta tem, o estado psicológico que ela vive naquele momento de insegurança, intranquilidade, então ela acaba sofrendo também, e esta é a parte mais dolorosa. (Responsável 2)

Ficou evidente a aproximação benéfica entre os pais e suas filhas na época em que elas treinavam. Pequenos problemas do cotidiano tornaram-se insignificantes perante toda convivência existente. Para 80% dos pais entrevistados, a relação com as filhas que treinavam GA ficou mais próxima que o normal.

6.9 PAPEL DO TÉCNICO NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DAS GINASTAS

Analisando as entrevistas sobre o papel dos técnicos no processo de formação das ginastas, pode-se dividir o resultado em grupos distintos, dependendo do local e da época onde as ginastas treinaram. As ex-ginastas citaram três tipos de influência do técnico na formação das ginastas.

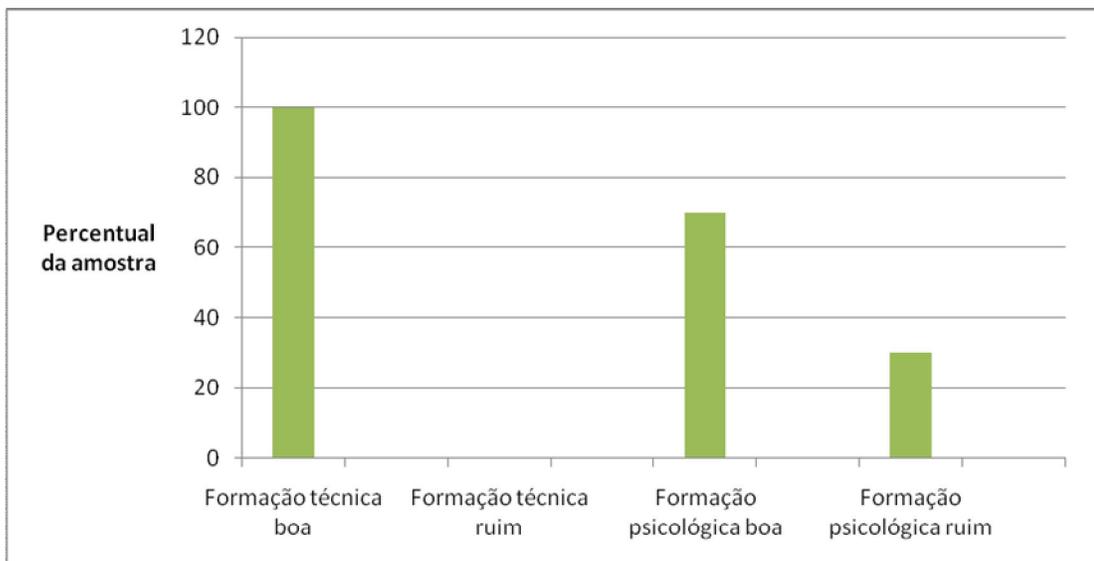


Figura 5 – Papel dos técnicos na formação das ginastas.

Considerando o grupo que desistiu da ginástica há mais tempo, a partir de 1998, pode-se mencionar que as ginastas consideravam os técnicos muito inexperientes e a contribuição dos mesmos para a formação das ginastas ficava muito restrito à parte técnica da GA. Tanto ginastas quanto pais citaram um acréscimo técnico no desenvolvimento de suas filhas. Porém, toda parte psicológica ficou muito aquém do esperado.

Foi citado que os técnicos exigiam muito, mas com uma psicologia inapropriada para lidar com suas jovens ginastas. A falta de experiência de vida foi citada pelos pais como principal fator prejudicial no desenvolvimento de suas filhas. Os técnicos eram vistos como jovens afoitos que gostavam muito da GA e faziam do ginásio de treinamento um laboratório de experiências.

O outro grupo que desistiu recentemente da GA pode ser subdividido em:

a) Técnicos com bom relacionamento com suas atletas e respectivos pais, e uma boa contribuição técnica no processo de desenvolvimento, como vemos neste relato:

[...] Como técnico com certeza eles eram bons, até de mais bonzinhos, porque a gente via né na Seleção Brasileira e de outros clubes que tinham técnicos muito piores. Mas eu como fora do esporte, pensando, eu achava um horror eles gritarem com as gurias, eles forçarem, e eu ficar toda calejada nas mãos eu achava horrível. Positivo eu achava que eles estavam sempre ali conosco. Se precisasse conversar, só que daí não acontecia pelo medo de chegar com eles. Mas eles eram bem abertos conosco. (Ginasta 2)

b) Técnicos com relacionamento problemático com suas atletas e respectivos pais, e uma boa contribuição técnica no processo de desenvolvimento.

Um ponto em comum colocado por pais e ex-ginastas de diferentes técnicos foi a boa contribuição técnica durante a carreira das ginastas. Os pais relataram a vontade dos técnicos em querer uma evolução técnica grandiosa, independente da época em que treinaram. Com uma vantagem para o grupo que treinou mais recentemente.

A diferença citada neste grupo foi a psicologia usada pelos técnicos para lidar com suas ginastas. Um grupo de entrevistados considerou os técnicos muito agressivos com suas ginastas, o que criava uma barreira intransponível entre os técnicos e as ginastas. A colaboração na formação das ginastas para este grupo de entrevistados ficou restrito à parte técnica de ensinar elementos.

Os resultados das entrevistas com as ginastas não apontaram como causa do abandono a má relação com o técnico. Contudo, em pesquisas realizadas com outros esportes, como o futsal e a natação (Hallal, 2004), os ex-atletas entrevistados relataram como uma das causas principais provocadoras de sua desistência no esporte a má relação com o técnico. Além disso, é imprescindível lembrar a importância do técnico como fator decisivo para a carreira profissional de um atleta.

CONCLUSÃO

Resultados deste estudo demonstraram haver vários motivos para ocorrer a desistência de ginastas de alto rendimento do sexo feminino no RS. Assim, como lembraram Coakley (1992b) e Appleton, Hall e Hill (2009), o esporte e seus resultados não são frutos apenas do trabalho entre atletas e técnicos, mas sim da combinação de diversos fatores sociais, ambientais e psicológicos que os envolvem. No entanto, nessa pesquisa alguns motivos foram mais significativos que outros e influenciaram mais nos momentos de crises para que as ginastas desistissem da GA.

Ficou evidente que um fator negativo sempre vem acompanhado de outros fatores negativos. A alta carga de dedicação das ginastas aliada ao estresse que muitas vezes acompanhou o trabalho foi um dos principais fatores de desistência. As entidades que trabalham com o alto rendimento no Estado não se estruturaram para oferecer uma compensação financeira para a família das ginastas e um suporte psicológico para as mesmas, pais e técnicos envolvidos com o trabalho. Os relatos dos pais mostraram uma dificuldade em manter a motivação das ginastas para continuar treinando em uma fase em que se descobrem outros horizontes e muitas opções de afazeres. A falta de incentivo de autoridades competentes e das entidades envolvidas com a GA desviou o foco de ginastas e pais dos objetivos do treinamento de alto rendimento, deixando de incentivar suas filhas para os treinamentos como era no início da carreira.

Problemas como dores corporais, lesões, falta de resultados positivos na carreira, gastos extras, entre outros, muitas vezes levaram os pais à desilusão com a GA e pensarem até que ponto é positivo dedicar-se tanto ao esporte.

Os relacionamentos entre ginastas e técnicos, ginastas e pais e técnicos e pais, mesmo tendo alguns momentos de estresse foi considerado bom. Maiores atritos foram entre técnicos e ginastas, porém muito bem compreendido pelas mesmas como um fator importante para o desenvolvimento. Ficou claro neste estudo que os entrevistados demonstraram entender que o papel da família foi de incentivar e apoiar suas ginastas para que existisse a melhor condição possível para o desenvolvimento da carreira. E o papel do técnico é e foi mais complexo devido a alta exigência a qual a ginasta tem de ser submetida nos treinamentos.

Todos os entrevistados colocaram que o resultado final de toda a carreira pode ser considerado positivo, com muitos benefícios para a vida como um todo. Sendo o fator mais citado a disciplina como a maior herança positiva da GA.

Houve dois distintos grupos de ex-ginastas entrevistadas: o grupo que abandonou a GA entre 1998 e 2002 e o grupo que abandonou mais recentemente, e ficou evidente que as ginastas mais antigas treinaram menos e tiveram resultados menos expressivos, enquanto as que desistiram recentemente treinaram mais, com uma qualidade melhor e tiveram resultados melhores. Há evidências que a iniciação precoce não interferiu na desistência, mas sim nos resultados obtidos durante a carreira.

Por fim, parece haver motivos que em conjunto colaboram para a desistência da prática da GA, e se faz necessário buscar soluções para que esses problemas sejam minimizados e as ginastas do RS cheguem à categoria adulta e com condições de almejar bons resultados. Por outro lado, a GA desenvolve muito algumas qualidades que a ginasta carrega para sua vida.

REFERÊNCIAS

- ADRIAN, J. M.; COOPER, M. J. *Biomechanics of human movement*. Boston: Wcb/McGraw-Hill, 1995.
- APPLETON, PAUL R.; HALL, HOWARD K.; HILL, ANDREW P. *Relations Between Multidimensional Perfectionism and Burnout in junior-elite male athletes*. In: *Psychology of Sport and Exercise*, n. 10, p. 457-465, 2009.
- ARENA, S. S.; BÖHME, M. T. S. *Federações esportivas e organização de competições para jovens*. *Rev. Bras. Ci e Mov.*, Brasília, v.12, n.4, p. 45 - 50, Dez. 2004.
- BALYI, I. *O desenvolvimento do praticante a longo prazo – sistema e soluções*. In: *Treino Desportivo*, v. 23, p. 22-27, 2003.
- BARA FILHO, M.G. & GUILLÉN GARCIA, F. *Motivos do abandono no esporte competitivo: um estudo retrospectivo*. In: *Revista Brasileira de Educação Física Especializada*, v. 22, n. 4, p.293-300, out./dez. 2008.
- BOMPA, T. O. *Periodização. Teoria e metodologia do treinamento*. São Paulo: Phorte, 2002a.
- _____. *Treinamento total para jovens campeões*. São Paulo: Manole, 2002b.
- BRUSTAD, R. J. *Youth in Sport: Psychological Considerations*. In: SINGER, R.N.; MURPHEY, M. *Handbook of research on sport psychology*. New York: Macmillan Publishing Company, 1993.
- BUTCHER, J.; LINDNER, K.J.; JOHNS, D.P. *Withdrawal from competitive youth sport: a retrospective ten-year Study*. In: *Journal of Sport Behavior*, Mobile, v.25, n.2, p.145-63, 2002.
- BYRNE, T. *Sport: It s a Family affair*. In: LEE, M. (ed.) In: *Coaching children in sport: principles and practice*. Londres: SPON, 1993.
- CAFRUNI, C.; MARQUES, A.; GAYA, A. *Análise da carreira desportiva de atletas das regiões sul e sudeste do Brasil. Estudo dos resultados desportivos nas etapas de formação*. In: *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, Portugal, v. 6, n. 1, p. 55-64, 2006.
- CAINE, D. et al. *Does gymnastics training inhibit growth of females? Clinical Journal of Sport Medicine*, v. 11, n. 4, p. 260-270, 2001.
- CALDERONE, G. et al. *Anthropometric measurements, body composition, biological maturation and growth predictions in young female gymnasts of high agonistic level*. In: *J. Sports Med*, v. 26, n. 3, p. 263-273, 1986.

CARTONI, A.C., MINGANTI, C. e ZELLI, A. *Gender, Age, and Professional-Level Differences in the Psychological Correlates of Fear of Injury*. In: *Italian Gymnasts. Journal of Sport Behavior*, v.28, n.1, 2005.

CLAESSENS, A. L. et al. *Growth and menarcheal status of elite female gymnasts. Medicine and Science in Sports and Exercise*, v. 7, n. 24, p. 755-763, 1992.

COAKLEY, JAY. *Burnout Among Adolescent Athletes: a Personal Failure or Social Problem?* In: *Sociology of Sport Journal*, n. 9, p.271-285, 1992a.

COAKLEY, JAY; WHITE, ANITA. *Making Decisions: Gender and Sport Participation Among British Adolescents*. In: *Sociology of Sport Journal*, n. 9, p. 20-35, 1992b.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA – www.cbginastica.com – acessado em 2008.

COSTA, L.O.P.; SAMULSKI, D.M. *Overtraining em Atletas de Alto Nível - Uma Revisão Literária*. In: *Revista Brasileira Ciência e Movimento*, 13(2), p. 123-134, 2005.

CRUZ, J. *A relação entre Ansiedade e Rendimento no Desporto: Teorias e Hipóteses Explicativas*. In: J. Cruz (Ed.), *Manual de Psicologia do Desporto*. Braga SHO- Sistemas Humanos e Organizacionais Ltda, 1996.

DALY, M. R. et al. *Does Training Affect Growth?* In: *The Physician and Sports Medicine*, v. 30, n.10, p. 21-29, 2002.

DALY, M. R. et. al. *Growth of Highly versus Moderately Trained Competitive Female Artistic Gymnasts*. In: *Medicine and Science in Sports and Exercise*, v. 37, n. 6, p. 1.053-1.060, 2005.

DUARTE, L.H. et. al., *O medo na Ginástica Artística: treinamento e competição*. In: *Revista Mackenzie de Educação e Esporte*, ano 7, v. 2, p. 51-67, 2008.

DUCATI, M. *O treinamento desportivo na ginástica artística: uma análise do discurso infantil*. Bauru: Unesp, 2008.

DUDA, J.; GANO-OVERWAY, L. *Anxiety in elite young gymnasts: Part I – Definitions of Stress and Relaxation*. In: *Technique*, Indianápolis, v. 16, n. 3, p. 22-24, 1996.

EPIPHANIO, E.H.; DE LUCAS, R.D. *Aspectos psicológicos relacionados a prevenção e recuperação de lesões no esporte*. In: *Investigação*, v.2, n.2, p.25-30, 2000.

FEDERAÇÃO RIOGRANDENSE DE GINÁSTICA (FRG). Disponível em: www.frginastica.com.br – acessado em 2008.

FEDERATION INTERNATIONAL OF GYMNASTIC (FIG). Disponível em: www.fig-gymnastics.com – acessado em 2008.

FEIGLEY, D.A. *Coping with fear in high level gymnastics*. In: SALMELA, J.H.; In: PETIOT, B.; HOSHIZAKI, T.B. (org.). *Psychology Nurturing and Guidance of Gymnastic Talent*. Montreal: Sport Psyche Editions, p.13-27, 1987.

FILIN, V. P. *Seleção de talentos nos desportos*. Londrina: Midiograf, 1998.

GAGLIARDI, L. F. J. et al. *Aspectos Morfológicos do Crescimento*. In: KISS, DM. P. M.A. *Esporte e exercício*. Avaliação e prescrição. São Paulo: Roca, 2003.

GARCIA, F. G. *Burnout em Jovens Desportistas*. In: BECKER JUNIOR (org.). *Psicologia aplicada à criança no esporte*. Novo Hamburgo/RS: Edelbra, 2000.

HALLAL, PEDRO CURI, et. al. *Fatores Intervenientes Associados ao Abandono do Futsal em Adolescentes*. In: *Revista Brasileira de Cinética e Movimento*, v. 12, n. 3. P. 27-32. Brasília, set. 2004.

KENTTÄ, G., P. HASSMÄN, et al. *Training practices and overtraining syndrome in Swedish age-group athletes*. In: *Int J Sports Med*, v.22, n.6, p.460-5, 2001.

LIPP, M. E. N. *Pesquisas sobre stress no Brasil: saúde, ocupações e grupos de risco*. Campinas: Papirus, 1996.

LOPES, P. *Motivação para a prática e permanência na ginástica artística de alto nível*. In: *Revista Brasileira de Educação Física Especializada*, v. 21, n. 3, p. 177-187, jul/set. 2007.

HANLON, T. Sport parent. In: *Human Kinetics*, Champaign/IL, 1994.

JOÃO, A.; FERNANDES FILHO, J.; DANTAS, E. *Seleção, orientação e detecção de talentos para ginástica olímpica feminina*. *Revista Treinamento Desportivo*, v. 4, n. 1, p. 72-77, 1999.

KUNZ, E. *Duração da Vida Atlética de atletas do atletismo Brasileiro, categoria menores*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Maria, 1983.

MAHONEY, M. J., GABRIEL, T.J., & PERKINS, T.S. *Psychological skills and exceptional athletic performance*. In: *The Sport Psychologist*, 1: p. 135-141, 1987.

MAKARENKO, L. P. *Natação: Seleção de talentos e iniciação desportiva*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

MEDINA, M. C. P. *La Infância y el Deporte. Perspectivas desde el Punto de Vista de la Psicología*. In: *Educacion Física y Deporte. Revista Digital*, Buenos Aires, ano 5, n. 18, fev. 2000.

MONTAGNER, P. C.; CHIMINAZZO, J. G. C. *Treinamento Esportivo e Burnout: Reflexões Teóricas*. *Revista Digital*, Buenos Aires, ano 10, n. 78, nov. 2004.

NETO, F. X. V. *A iniciação e a especialização Esportiva de Crianças*. In: BECKER JUNIOR (org.). *Psicologia aplicada à criança no esporte*. Novo Hamburgo/RS: Edelbra, 2000.

NISTA-PICCOLO, V.L. *Crescendo com a ginástica*. In: CONGRESSO LATINO AMERICANO DE EDUCAÇÃO MOTORA, 1., Foz do Iguaçu, 1998. Anais.... [s.ed.] p.35-41 Foz do Iguaçu, 1998.

NUNOMURA, M. Segurança na Ginástica Olímpica. In: *Motriz*, v. 4, n. 2, p. 104-108, 1998.

NUNOMURA, M. *A Formação dos Técnicos de Ginástica Artística: os modelos internacionais*. *Revista Brasileira Ciência e Movimento*, v. 12, n. 3, p. 63-69, 2004.

NUNOMURA, M.; NISTA-PICCOLO, V. L. (org.). *Compreendendo a ginástica artística*. São Paulo: Phorte, 2005.

NUNOMURA, M.; LOPES, P. *Motivação para a prática e permanência na ginástica artística de alto nível*. *Rev. Bras. Educ. Fís. Esp.*, São Paulo, v. 21, n.3, p. 177-87, jul./set. 2007.

OLIVEIRA, G. S. et al. *A Relação entre a Especialização Precoce e o Abandono Prematuro na Natação*. In: *Movimento e Percepção*, Espírito Santo do Pinhal, SP, v.8, n.11, p. 307-322 jul./dez. 2007.

OLIVEIRA, V.; PAES, R. R. *Iniciação em basquetebol dos atletas brasileiros que disputaram o mundial nos Estados Unidos em 2002*. UNICAMP, Campinas, 2002.

PELTENBURG, A. L.; ERICH, W. B. M.; ZONDERLAND, M. L.; BERNINK, M. J. E.; VANDENBRANDE, J. L.; HUISYELD, I. A. *A Retrospective Growth Study of Female Gymnasts and Girl Swimmers*. In: *Int. J. Sports Med*, v. 5, n. 5, p. 262-267, 1984.

PIRES, D. A. et. al., *A síndrome de Burnout no esporte*. In: *Revista Motriz*, v. 11, n.3, 2005.

PUBLIO, N. S. *Evolução histórica da ginástica olímpica*. Guarulhos/SP: Phorte, 1998.

ROMERO, E. *Essas mulheres maravilhosas: nadadoras e ginastas*. In: SIMÕES, A. C. *Mulher & esportes. Mitos e verdades*. São Paulo: Manole, 2003.

ROSADAS, R. B. *Os efeitos psicológicos do treinamento desportivo precoce*. In: *Sprint*. Rio de Janeiro v. 5, n. 2, p. 53-65, 1993.

RUBIO, Katia; SILVA, M. Lúcia. *Superação no esporte: limites individuais ou sociais?* *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 2003, v. 3, n. 3, p. 69-76.

SAMULSKI, D. M. *Psicologia do esporte. Teoria e aplicação prática*. Belo Horizonte: Imprensa Universitária/UFMG, 1995.

SAMULSKI, D. M.; VILANI, L. H. P. *Família e esporte: uma revisão sobre a influência dos pais na carreira esportiva de crianças e adolescentes*. *Educação Física e Esportes*. Belo Horizonte: Health, 2002.

SMITH, R. *Toward a cognitive-affective model of athletic burnout*. In: *Journal of Sport of Psychology*, vol.8 pp, p. 36-50, 1986.

SMOLEVSKIY, V.; GAVERDOVSKKIY, I. *Tratado General de Gimnasia Artística Deportiva*. Barcelona: Editorial Paidotribo, 1996.

THEINTZ, G. E.; HOWALD, H.; WEISS, U.; SIZONENKO, P. C. *Evidence for a reduction of growth potential in adolescent female gymnasts*. In: *The Journal of Pediatrics*, v. 122, n. 2, p. 306-313, 1993.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. *Métodos de pesquisa em atividade física*. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

TRICOLI, V.; SERRÃO, J. *Aspectos científicos do treinamento esportivo aplicado à ginástica artística*. In: NUNOMURA, M.; NISTA-PICCOLO, V. N. *Compreendendo a ginástica artística*. São Paulo: Phorte, 2005.

TSUKAMOTO, M.H.C. e NUNOMURA, M. *Aspectos maturacionais em atletas de ginástica olímpica do sexo feminino*. In: *Revista Motriz*, v. 9, n. 2, p. 111-116. Rio Claro, mai/ago 2003.

UVA, J.E.S. *Aspectos a considerar na relação com os pais dos atletas: o papel dos pais no atletismo para jovens*. In: *Treino Desportivo*. Lisboa, v.7, n.29, p.34-42, 2005.

VILANI, L. H. P. *Considerações gerais da psicologia do esporte pediátrica: uma revisão da influência do contexto psicológico sobre jovens atletas*. Belo Horizonte. UFMG, 2001.

WEINBERG, R. S. and D. GOULD. *Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ZAKHAROV, A. *Ciência do treinamento desportivo*. Rio de Janeiro: Grupo Palestra Esporte, 1992.

ANEXOS

ANEXO I
AUTORIZAÇÃO DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS PARA EX-GINASTAS MENORES DE IDADE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (para menores de idade)

Título da pesquisa: “Razões da Desistência da Prática da Ginástica Artística de Atletas de Alto Rendimento do Sexo Feminino no Rio Grande do Sul”.

Sua filha está sendo convidada, como voluntária, a participar desta pesquisa de Mestrado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), por ter o perfil da população necessária para que a mesma se realize. O objetivo desta pesquisa é identificar e descrever os fatores da desistência da prática da ginástica artística das ginastas de alto rendimento do Rio Grande do Sul a partir dos 12 anos de idade.

A grande quantidade de ginastas que desistem da carreira nesta fase, torna necessário a elaboração de estudos para maiores esclarecimentos do porque deste fenômeno. Buscar estratégias de como agir e planejar ações a curto, médio e longo prazo é fundamental para que a ginástica artística do Rio Grande do Sul supere este problema.

O procedimento de coleta de dados consiste em responder a uma entrevista sobre os fatores da desistência da prática da ginástica artística.

Os pesquisadores envolvidos nesta pesquisa tratarão a identidade de sua filha com sigilo. Os dados serão confidenciais. O nome ou o material que indique os participantes não serão divulgados ou liberados sob hipótese alguma. A participação é voluntária, e você é livre para recusar a participação da sua filha ou retirar seu consentimento a qualquer momento sem prévio aviso. A recusa ou o abandono da pesquisa em qualquer momento da pesquisa não acarretará em qualquer tipo de penalidade. Durante o decorrer desta pesquisa, informações e esclarecimentos estarão a disposição dos participantes.

Eu _____ responsável pela ex-ginasta _____ li e entendi as informações precedentes e aceito que minha filha menor de idade participe da pesquisa intitulada: “RAZÕES DA DESISTÊNCIA DA PRÁTICA DA GINÁSTICA ARTÍSTICA DE ATLETAS DE ALTO RENDIMENTO DO SEXO FEMININO NO RIO GRANDE DO SUL” realizada por pesquisadores da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Portanto, concordo com tudo que foi acima citado e livremente dou o meu consentimento.

Pesquisadores: Sérgio Stringhini – (51) 99158966; e-mail: serstringhini@terra.com.br , e o Prof. Dr. responsável da pesquisa Ricardo Demétrio de Souza Petersen – (51) 99932001; e-mail: petersen@esef.ufrgs.br . Endereço: Rua Felizardo nº 750, Jardim Botânico. CEP 90690-200. Porto Alegre, RS. Fone: 33085829.

Assinatura do Responsável

Pesquisador Responsável

Data

Prof. Dr. Ricardo D. S. Petersen

ANEXO II
EX-GINASTA MAIOR DE IDADE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título da pesquisa: “Razões da Desistência da Prática da Ginástica Artística de Atletas de Alto Rendimento do Sexo Feminino no Rio Grande do Sul”.

Você está sendo convidada, como voluntária, a participar desta pesquisa de Mestrado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), por ter o perfil da população necessária para que a mesma se realize. O objetivo desta pesquisa é identificar e descrever os fatores da desistência da prática da ginástica artística das ginastas de alto rendimento a partir dos 12 anos de idade.

A grande quantidade de ginastas que desistem da carreira nesta fase, torna necessário a elaboração de estudos para maiores esclarecimentos do porque deste fenômeno. Buscar estratégias de como agir e planejar ações a curto, médio e longo prazo é fundamental para que a ginástica artística do Rio Grande do Sul supere este problema.

O procedimento de coleta de dados consiste em responder a uma entrevista sobre os fatores da desistência da ginástica artística.

Os pesquisadores envolvidos nesta pesquisa tratarão sua identidade com sigilo. Seus dados serão confidenciais. O nome ou o material que indique os participantes não serão divulgados ou liberados sob hipótese alguma. A participação é voluntária, e você é livre para recusar-se a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento sem prévio aviso. A recusa ou o abandono da pesquisa em qualquer momento da pesquisa não acarretará em qualquer tipo de penalidade. Durante o decorrer desta pesquisa, informações e esclarecimentos estarão a disposição dos participantes.

Eu _____ li e entendi as informações precedentes e aceito participar da pesquisa intitulada: “RAZÕES DA DESISTÊNCIA DA PRÁTICA DA GINÁSTICA ARTÍSTICA DE ATLETAS DE ALTO RENDIMENTO DO SEXO FEMININO NO RIO GRANDE DO SUL” realizada por pesquisadores da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Pesquisadores: Sérgio Stringhini – (51) 99158966; e-mail: serstringhini@terra.com.br, ou com o Prof. Dr. responsável da pesquisa Ricardo Demétrio de Souza Petersen – (51) 99932001: e-mail: petersen@esef.ufrgs.br . . Endereço: Rua Felizardo nº 750, Jardim Botânico. CEP 90690-200. Porto Alegre, RS. Fone: 33085829.

Assinatura do Responsável

Pesquisador Responsável
Prof. Dr. Ricardo D. S. Petersen

Data

ANEXO III
PAIS E/OU RESPONSÁVEL PARTICIPANTE DA PESQUISA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título da pesquisa: “Razões da Desistência da Prática da Ginástica Artística de Atletas de Alto Rendimento do Sexo Feminino no Rio Grande do Sul”.

Você está sendo convidada, como voluntária, a participar desta pesquisa de Mestrado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), por ter o perfil da população necessária para que a mesma se realize. O objetivo desta pesquisa é identificar e descrever os fatores da desistência da prática da ginástica artística das ginastas de alto rendimento a partir dos 12 anos de idade.

A grande quantidade de ginastas que desistem da carreira nesta fase, torna necessário a elaboração de estudos para maiores esclarecimentos do porque deste fenômeno. Buscar estratégias de como agir e planejar ações a curto, médio e longo prazo é fundamental para que a ginástica artística do Rio Grande do Sul supere este problema.

O procedimento de coleta de dados consiste em responder a uma entrevista sobre os fatores da desistência da ginástica artística.

Os pesquisadores envolvidos nesta pesquisa tratarão sua identidade com sigilo. Seus dados serão confidenciais. O nome ou o material que indique os participantes não serão divulgados ou liberados sob hipótese alguma. A participação é voluntária, e você é livre para recusar-se a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento sem prévio aviso. A recusa ou o abandono da pesquisa em qualquer momento da pesquisa não acarretará em qualquer tipo de penalidade. Durante o decorrer desta pesquisa, informações e esclarecimentos estarão a disposição dos participantes.

Eu _____ li e entendi as informações precedentes e aceito participar da pesquisa intitulada: “RAZÕES DA DESISTÊNCIA DA PRÁTICA DA GINÁSTICA ARTÍSTICA DE ATLETAS DE ALTO RENDIMENTO DO SEXO FEMININO NO RIO GRANDE DO SUL” realizada por pesquisadores da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Pesquisadores: Sérgio Stringhini – (51) 99158966; e-mail: serstringhini@terra.com.br, ou com o Prof. Dr. responsável da pesquisa Ricardo Demétrio de Souza Petersen – (51) 99932001: e-mail: petersen@esef.ufrgs.br . Endereço: Rua Felizardo nº 750, Jardim Botânico. CEP 90690-200. Porto Alegre, RS. Fone: 33085829.

Assinatura do Responsável

Pesquisador Responsável
Prof. Dr. Ricardo D. S. Petersen

Data

ANEXO IV
FEDERAÇÃO RIOGRANDENSE DE GINÁSTICA

Termo de Consentimento Institucional Livre e Esclarecido

À Presidência
Federação Riograndense de Ginástica

Venho solicitar a V. Sa. uma autorização perante sua identidade para o acesso ao cadastro das ex-ginastas da Ginástica Artística Feminina para participarem da pesquisa intitulada: “Razões da Desistência da Prática da Ginástica Artística de Atletas de Alto Rendimento do Sexo Feminino no Rio Grande do Sul”.

O objetivo desta pesquisa é identificar e descrever os fatores da desistência da prática da ginástica artística das ginastas de alto rendimento a partir dos 12 anos de idade. A grande quantidade de ginastas que desistem da carreira nesta fase, torna necessário a elaboração de estudos para maiores esclarecimentos do porque deste fenômeno. Buscar estratégias de como agir e planejar ações a curto, médio e longo prazo é fundamental para que a ginástica artística do Rio Grande do Sul supere este problema.

O procedimento de coleta de dados consiste em responder a uma entrevista sobre os fatores da desistência da ginástica artística. Os pesquisadores envolvidos nesta pesquisa tratarão sua identidade com sigilo. Seus dados serão confidenciais. O nome ou o material que indique os participantes não serão divulgados ou liberados sob hipótese alguma. A participação é voluntária, e você é livre para recusar-se a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento sem prévio aviso. A recusa ou o abandono da pesquisa em qualquer momento da pesquisa não acarretará em qualquer tipo de penalidade. Durante o decorrer desta pesquisa, informações e esclarecimentos estarão a disposição dos participantes.

Eu _____ li e entendi as informações precedentes e aceito colaborar com a pesquisa intitulada: “RAZÕES DA DESISTÊNCIA DA PRÁTICA DA GINÁSTICA ARTÍSTICA DE ATLETAS DE ALTO RENDIMENTO DO SEXO FEMININO NO RIO GRANDE DO SUL” realizada por pesquisadores da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Pesquisadores responsáveis da pesquisa: Sérgio Stringhini – (51) 99158966; e-mail: serstringhini@terra.com.br, ou com o Professor Doutor Orientador da pesquisa Ricardo Demétrio de Souza Petersen – (51) 99932001. Endereço: Rua Felizardo nº 750, Jardim Botânico. CEP 90690-200. Porto Alegre, RS. Fone: 33085829.

Certo de contarmos com seu apoio, agradecemos à atenção dispensada.

Cordialmente,

Presidência da Federação
Riograndense de Ginástica

Ricardo Demétrio de Souza Petersen
Prof. Dr. Orientador

Data



**ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO**

ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM AS EX-GINASTAS

- 1- Nome:
- 2- Data de Nascimento:
- 3- E-mail e telefone:
- 4- Estado onde treinou.
- 5- Entidade (clube) onde treinou.
- 6- Participação em campeonatos nacionais ou internacionais.
- 7- Data da desistência da GA.
- 8- Idade da desistência da GA.
- 9- Motivos que influenciaram a desistência da GA.
- 10- Principal motivo da desistência.
- 11- Aspectos positivos e negativos do treinamento técnico e físico durante o processo de formação.
- 12- Relação da influência da carga horária por faixa etária e tempo de treinamento com os resultados obtidos na carreira.
- 13- Verificar a existência ou não de trabalho psicológico e que tipo de trabalho é realizado.
- 14- Opinião sobre a eficiência do trabalho psicológico quando realizado.
- 15- Idade de início da prática da GA.
- 16- Relação da idade de início com o desenvolvimento da carreira.
- 16- Condição financeira da família na época dos treinamentos.
- 17- Influência da situação financeira familiar na carreira esportiva.
- 18- Aspectos positivos e negativos do papel dos pais durante a carreira esportiva.
- 19- Aspectos positivos e negativos na relação com o técnico na carreira esportiva.



**ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO**

ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM OS PAIS OU RESPONSÁVEL

- 1- Nome:
- 2- Nome da filha:
- 3- E-mail e telefone:
- 4- Opinião sobre os motivos que levaram a desistência da GA.
- 5- Principal motivo da desistência.
- 6- Aspectos positivos e negativos do desenvolvimento durante o processo de formação.
- 7- Relação da idade de início com o desenvolvimento da carreira.
- 8- Relação do tipo de treinamento com o desenvolvimento da carreira, nível de exigência, etc.
- 9- Opinião sobre o trabalho psicológico realizado.
- 10- Profissão dos pais na época dos treinamentos de GA.
- 10- Condição financeira da família na época dos treinamentos.
- 11- Influência da situação financeira familiar na carreira esportiva.
- 12- Aspectos positivos e negativos da relação com sua filha durante a carreira esportiva.
- 13- Opinião sobre a relação técnica da sua filha com o técnico.
- 14- Opinião sobre a relação interpessoal da sua filha com o técnico.
- 15- Relação do responsável com o técnico.
- 16- Algum relato considerado importante.